

BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

ÁREA DE REPRESENTAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PROJETOS DE COMUNICAÇÃO

Maria da Conceição Tavares

TRANSCRIÇÃO DE FITA GRAVADA DA

Palestra sobre economia brasileira
proferida pela economista Maria da
Conceição Tavares no BNDE

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES

1980

23 DE SETEMBRO DE 1980

AUDITÓRIO DO BNDE

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Eu sou uma economista industrial. Comecei a aprender nesta Casa, em 58. E depois aprendi na CEPAL, também trabalhando. A outra coisa que me interessa é o setor financeiro (3 ou 4 palavras ininteligíveis), dei uma contribuição violenta. Mas essa também está muito mal parada.

Então, eu pedi, quando eu cheguei aqui no Rio, antes mesmo de ter-me lançado para área nenhuma, vir aqui ao Banco falar com a minha velha guarda, o Juvenal já não estava, eu já tinha me despedido, comecei a minhocar na despedida dele. "Mas, puxa, este Banco de Desenvolvimento é enorme, está cheio de gente mas tem um Departamento Econômico pequeno." E eu, quando fui aqui do Banco, já estava começando a deslanchar o programa de metas — vocês vêem que eu sou velha, não é só o Juvenal, que é velho também (risos) — mas antes tinha tido um período ali de 54 a 58 em que o Banco não tinha lá muito dinheiro e pensava, foi bom pensar, não necessariamente ganharam, até eventualmente/^{se}perderam algumas paradas, mas tiveram ali umas idéias, que são as únicas, se vocês olharem somente para a administração brasileira, ninguém mais tem nenhuma idéia nova depois daquilo que foi feito, o que é grave. Assim, não é que eu tenha idéias novas, mas eu tenho muito claro a "banana" em que a gente está, eu tenho estudado muito de 74 para cá outra vez, seis anos para valer, não apenas a teoria, o velho Barrou, o Kennedy, essas coisas, que/^{isso}eu sempre estudei, mas não resolve grande coisa para a situação do momento, mais sobre indústrias e sobre o setor financeiro, que são o "queijo". Setenta e quatro já estava aquela "banana", que vocês conhecem, geral. E tem um outro economista e engenheiro do Brazil Economist, um chileno, o Fran Silver, com quem eu trabalhei, que me substituiu no Escritório da CEPAL no Rio, quando eu fui para o Chile, que depois ele fez o primeiro estudo sobre multinacionais, que o Brasil fez, fez um sobre estratégia de exportação de manufaturas, trabalhou com o Grupo do INPS, quando o Ministério do Planejamento ainda existia —

o Ministro acreditava que era para fazer planejamento, o atual parece que não acredita muito — e a gente se reencontrou no México, além de termos trabalhado no Chile, só que lá ele trabalhou em comércio exterior, eu em preços, e fracassamos gloriosamente, tanto nos preços, como no comércio exterior, e outras coisitas mais, que me escuso repetir. Depois eu encontrei ele de volta nas Nações Unidas, ele está na organização industrial, naquela UNIDO, que tem sede em Viena, e eu continuei na CEPAL até 74, depois saí, e voltei para a Universidade. E periodicamente eu encontro ele, sempre, uma vez por ano, duas vezes por ano, ele continua trabalhando na indústria. E ademais eu ando aí pelo mundo, eu leio ali as coisas, e estou dando um curso, na FEIA, sobre industrialização, eu estou encarregada da Área da Indústria, a Área da Tecnologia é o pessoal da FINEP, o Fábio Herot, gente que foi aqui da casa, da FINEP, mas aqui é uma gente que está interessada, eu sei menos de tecnologia do que sei da indústria, estou estudando, é meio enrolado, tem muita falação, muita "palha", é difícil de tirar umas coisas ali.

Eu estou convencida que nós estamos numa crise sistêmica para valer, e também estou convencida de que o destino da Nação Brasileira está em jogo, não é só o destino do povo, é de tudo, tudo. E fico muito nervosa quando verifico que o Ministro, sem nenhuma preocupação com esta coisa, declara que tem duas prioridades, que são agricultura e energia, o que é verdade, são prioridades, mas aplica como se fosse para resolver o balanço de pagamentos, que não tem a curto prazo solução nenhuma, e dois pontos centrais, que são o que vai acontecer com a indústria e o que vai acontecer com o setor financeiro, escamoteia-se, e o que acontecer com a indústria e com o setor financeiro vai ser decisivo, para ver, o que acontecer com a capacidade da autonomia, que esta "desgraça" deste Estado ainda tem alguma, mas não se sabe por quanto tempo, e também com a possibilidade de levar junto a luta social por um lado, e a luta da industrialização por outro, se não levar junto, a experiência mundial é, mesmo em países socialis-

tas, de que se estrepam. Você não pode apenas tratar dos pobres, se quiser virar uma Nação, não tendo povo não tem Nação, vai ficar tudo pendurado no espaço, disparatando, fazendo essas brutalidades que têm sido feitas, mas, se você só tratar do dito e não fizer uma estrutura produtiva, não junta. E isso foi o que eu vi também — por estar nas Nações Unidas, eu tenho acesso às experiências socialistas — foi o que eu vi ocorrer em Cuba, que agora estão ajudando a Nicarágua explicando para os "caras" que não é para fazer assim, se não se estrepam, não basta dar educação e saúde. No nosso caso, nós temos que dar tudo. Só. Não tem muita importância. Nos próximos dez anos, vamos ter que reconstruir o Estado, construir a Nação, dar uma mão ali para o povo e, em passant, não deixar virar colônia. Bom como tarefa. Mas é esta. Se vocês quiserem; se não quiserem, também podem se despedir, tocar o tango argentino, ou pedir para aumentar os auditórios, que paguem melhor a vocês, que se divirtam, dançar o chá-chá-chá, fazer qualquer coisa, e vocês viram um boneco, podem ter quantos técnicos vocês quiserem, quanto dinheiro vocês quiserem, que não tem importância. Eu não estou convencida de que seja obrigatório. E é gozado. Não é um problema de saudosismo. Eu não acredito em retornos. Eu vi J.K., chorei muito, fiquei muito triste, muito nervosa e tal, mas eu dei uma entrevista, aí nas "páginas amarelas", se não levam, vocês leiam, é o que eu penso sobre a situação, eu acho que não adianta ficar querendo voltar ao nacional-populismo; querendo voltar ao vanguardismo da esquerda; querendo voltar aos pactos oligárquicos; isso tudo é "conversa para boi dormir", ante o desafio que vai ser a próxima década. Tem tempo porque o sistema mundial não vai se reorganizar no grito. Mas eles são gente poderosa. E, ademais disso, eles têm algumas idéias, contraditórias no momento, já há uns certos tempos que eles estão com umas idéias contraditórias, como não pode deixar de ser com uma crise tão funda.

Então, eu queria fazer o seguinte. Primeiro eu vou fazer uma palestra sobre a crise econômica internacional e as suas implicações neste país em matéria de decisão. Vai ser uma coisa à vol. d'oiseau, eu não vou poder aprofundar, eu posso debater. E depois eu vou pedir à gente desta Casa, que me deixe, é um direito antigo, eu fui da Casa, me formei aqui, estive aqui em 58 a 60, os anos gloriosos, não é, eram, aprendi com Juvenal, com Felúcio, com o velho gaguinho Tião, que já morreu, trabalhava com o Celso Soares de Lacerda na coisa do GEIMAQ, fiz o primeiro projeto de bens de capital deste Banco, tenho uma certa tradição, e sou homerética, não levo muito a sério os mitos da Casa ; estou me lixando e andando para o que a velha guarda acha da jovem guarda; a jovem guarda acha de si mesma; a jovem guarda acha da velha ; uns acham dos outros; estou realmente me lixando e andando; não tenho nada com isso; não sou funcionário do banco; ah, não sou funcionário de ninguém, como se sabe, há muito tempo, sou uma professora universitária, isto é sou funcionária do Governo ou do Estado Brasileiro, que me paga supostamente para que eu diga o que eu sei, mesmo que não goste , isso é o que eu tenho feito nesses últimos anos, de vez em quando eles não gostam, aí fica por isso mesmo.

Então, eu queria, ademais desta palestra, depois fazer uma série de Seminários, trocando idéias assim, se ganhar, melhor; se não ganhar, não tem importância, eu sou professora da FEIA, eu tenho sempre o direito de fazer, se não puder fazer pelo IESP, faço pela FEIA, se não puder fazer pela FEIA faço em caráter individual, não tenho muito problema neste sentido. Mas estou com vontade. Porque vocês são uma massa enorme de gente jovem, além de que tem uns mais velhos aqui, que eu também respeito muito, e uns da geração intermédia, olhando ali . E não dei muito tempo na Casa, no atoladeiro que está agora, de reciclar. Eu tenho duas teses para orientar lá no meu Mestrado sobre industrialização, uma das quais desse menino que está aí, que é meu aluno, que eu pedi para ser orientadora dele, antes que ele me pedisse,

eu pedi, e ^{um} outro jovem economista que está lá, e gostaria de testar com vocês, que são da Área de Industrialização, mesmo que não tenha tanta massa, eu reconheço que não todo o mundo necessariamente está interessado nos Seminários, de testar algumas coisas sobre indústria, experiências comparadas, de ver um pouco como está indo no mundo, porque o Brasil tem uma vocação provinciana irremediável, é muito grande, é um estômago, então ele não consegue olhar para fora para ver o que está ocorrendo, mas, na hora da crise, é bom olhar, porque o que está ocorrendo lá fora vai bater aqui dentro, já está batendo, e vai bater feio. E essa coisa defensiva, paroquial não vai resolver. O pessoal precisa estar olhando minimamente, e precisa se desfazer de certos vícios, de certas obsessões, eu também preciso, não são só vocês. Eu não posso mandar todo o mundo ir na FEIA assistir, eu vou pedir, não sei se vão me autorizar, mas acho que sim, afinal de contas têm vários Diretores da Casa que foram meus colegas. Assim, hoje a gente vai fazer uma palestra sobre a crise internacional, eu agora vou ter que ir para lá porque sem quadro não vai ser possível. Não porque eu preciso do quadro para nada, a bem da verdade, mas é só para botar as datas para vocês verem se elas recordam alguma coisa vocês.

Na primeira parte, eu queria discutir o movimento da internacionalização do capital em piteladas rápidas, ver como é que chegou na crise, quais são os elementos da crise. Depois eu queria tocar com vocês o que é que eles consideram central na crise, eles, o mundo lá em cima, a visão do CDE, a visão do Banco Mundial, a visão do Fundo Monetário, não que eu vá em detalhes, mas eu explicarei como é que eles também estão todos "embananados" e como todas as casas, todos os bancos de desenvolvimento, o Fundo Monetário e o CDE, está tudo rachado, em toda parte a briga é para valer porque ninguém vê um palmo adiante do nariz, e como é que as 200 grandes empresas multinacionais e os 10 grandes bancos multinacionais estão eles também "embananados", é o que nos salva, se os "caras" não estivessem "embananados", nós já

estávamos fuzilados agora, quer dizer já íamos direto ali para o inferno. Então, tem um tempo. Vamos tentar mostrar para vocês — e depois a gente vê se dá um tempinho de debate — porque tem muito mito nessa questão. E é uma questão complicada, leva tempo para entender, não estou garantindo que a minha visão seja uma maravilha. Mas, enfim, eu li todas as visões, todas, eu sou uma pessoa, que não tenho falso respeito, eu leio as da direita, da extrema esquerda tudo o que dizem, a maior parte das coisas que têm se dito são besteiras, mas sempre você pode resgatar elementos num lado e no outro, e ultimamente, de 68 para cá, há um esforço de reentender o que passou no mundo. Assim que começou a crise americana, o pessoal começou a desconfiar que tinha algo errado. Eu estava no Chile em 68, quando eu vi o Steveheimer e o Bob Roth a descreverem o famoso artigo, e discuti com eles todos. Então, deu para... E encerrei o meu expediente, agora, eu espero me trancar um pouco para balanço, em Nova Iorque, em maio, eu vi o que os banqueiros acham, é de arrepiar, posso garantir. Vamos ver o que passou.

Passou o seguinte, minha gente. Se você olhar, e com outras teorizações, mas não tem saída, você tem uma evolução do sistema no pós guerra sob a hegemonia clara americana comercial, tecnológica e financeira, apoiada ademais na umbrela, tem que dizer umbrela porque foi o nome que foi consagrado, nuclear e no poder político e ideológico do salvador do mundo livre, eu já disse que ninguém é suficientemente velho, salvo eu e o Juvenal, para lembrarmos do glorioso, eu vi em Lisboa, ele deve ter visto aqui, o desfile das tropas americanas que tinham livrado a Europa do nazismo, eu tinha quinze anos, era uma glória, eles eram os bons meninos, tinham salvo o mundo, então eles estavam apoiados neste poder militar, num poder político, quera a síntese desse poder militar, do poder comercial, tecnológico e financeiro, e numa ideologia incontestada de salvador do mundo, absolutamente incontestada até 1950, absolutamente incontestada, salvo o agravamento da guerra fria, que permitiu de novo

os velhos fantasmas. Até então eles estavam reinando. Para governo de vocês, ninguém se opôs à organização do Fundo Monetário, do GATT e da nova ordem econômica internacional sob a hegemonia americana, salvo os latino-americanos, os latino-americanos protestaram, entre os quais estavam o Dr. Ugo Preves, pela Argentina, o Dr. Roberto Campos pelo Brasil, que pertencia, então, à ala jovem do Itamaraty, naquela altura, se tivesse SNI, teriam dito que ela era comunista, aliás era assim que ela era conhecida, vocês vêem que o mundo muda, não é (Risos), ninguém protestou. O velho Nerces também protestou. Os suecos sempre foram uma gente inteligente. Tinham ganho, em 30, um pacto reformista avançado, que foi o mais moderno e avançado da Europa, ficavam na fronteira entre os dois sistemas, eram uma gente lúcida aqueles suecos, perderam há dois anos, depois de trinta e tantos anos voltou o Governo conservador, aliás o conservadorismo está ganhando em toda parte. Salvo os suecos, o Dag Hammarsjoeld era sueco, lembrem, primeiro das Nações Unidas, o Nerces, o Mirdal, a malta toda, e nós aqui da América Latina, os subdesenvolvidos, os periféricos, saíamos que aquilo não ia ser bom para o mundo, ia dar uma divisão social do trabalho injusta, ia confirmar a divisão entre centro e periferia, ia nos ferrar a vida, que a única resposta possível era uma industrialização nacional. O "peixe" foi comprado para valer em 54, porque de 47 a 54 foi difícil comprar. Em 54, já era tarde. Vou botar o ano. (Escreve no quadro-negro) Este período vai de 1945 a 1954. Paradoxalmente, para nós, este período de plena afirmação da hegemonia é o período do nosso respiro. E, como tudo tem defasagens, esta Casa cunhou neste ano um projeto de desenvolvimento, que depois foi desdobrado num projeto de máquinas. E, em 1958, não é apenas dos anos mais gloriosos do Banco — a gente já começou a levar porrada, nessa altura, em alguns lugares — é também o ano da formação do Mercado Comum Europeu, que começa a se gestar em 1950. Isto é o período Vargas, lembram? O velhinho morreu sem nem saber o que estava lhe acontecendo, a despeito da carta, que não se sabe se foi ele quem es

creveu, bem que ele deve ter percebido no fim, mais ou menos, que estava ficando grave. Este é o período da afirmação, aqui (45 a 54) e só aqui (58) do projeto de industrialização. O México recua. Aqui, o México faz uma reforma financeira, e adere, não ao Fundo Monetário, adere ao sistema de aliança com o sistema bancário americano, declara a paridade em dólar, desde aí até quatro anos atrás, não fez nenhuma reforma cambial, peso ou dólar são livres naquele mercado, é o prolongamento do mercado financeiro americano, a despeito de que é um Estado Nacional por grande tradição de luta com o inimigo-amigo, é um amigo-inimigo aquele país ali ao lado. Nós não estamos lá. Também não estamos no Caribe. Lembram o Caribe? É aquela desgraça, que vocês viram, e se libertando na porrada, e que ainda está mal. No Cone Sur, a Argentina e o Chile, anularam, aderiram ao Fundo Monetário. Nós, não. Nós rompeu aqui, olhem. (Mostra no quadro) Conseguiu sendo era o Juscelino, que não havia Brasília se ele aderisse, e o ilustre Presidente desta Casa, Dr. Roberto Campos, "captou" junto com o Ministro da Fazenda Lucas Lopes pois eles venderam um plano de estabilização, a Casa rachou meio a meio, não foi, Juvenal? Rachou meio a meio. Ele caiu, não por causa da força da Casa. Porque, efetivamente o Presidente da República, rachou, deixou cair. Nós aguentamos até 1961, a bem da verdade 1964. Curiosamente este período é o segundo período. Esta "pata" da hegemonia americana, cancela. Eles foram hegemônicos em todos os planos, nesse período. Esta aqui, a União Soviética descobriu também a bomba atômica, primeiramente. Segundamente, esta comercial, eles reconstruíram, por razões estratégicas, os dois inimigos principais, o Japão e a Alemanha, que até 1950 mantiveram de joelhos, e em 1950 abriram mão, dizem "Levanta rápido", porque tem do lado a China, também não previsto, era aliado, o Gal. MacArthur foi quem negociou, foi quem na verdade permitiu que o Mao-Tsé-tung fosse ao poder sem saber, deixaram, não sacaram, eles sacam um pouco tarde de vez em quando, não sou muito do ramo em matéria/di

plomática, não tenho a tradição inglesa, deixaram ali. Então, de repente lá "Ih! Não pode. Está complicado. Tem esta outra Alemanha aqui mais aquilo ali. Então, vocês levantem." E disseram: "Tomem lá." Levantam literalmente. Eles tinham destruído a estrutura monopólica alemã e japonesa; tinham destruído o sistema bancário alemão; tinham destruído o sistema zeibatsu japonês, tinham destruído, de repente "Escuta, podem levantar de novo." A malta deles "Oba! Está para nós! E levantaram. Levantaram e, ao fim de pouco tempo, começaram a jantar eles, ainda não aqui (mostra), aqui a Alemanha já está tomando o mercado europeu dos Estados Unidos, está liquidando, na concorrência, com a velha aliada, este país, passado a filial, embora sócio menor, que a Inglaterra só se mantém pelo seu prestígio político, diplomático e financeiro, uma grande praça financeira até hoje. Neste período aqui (exibe), eles responderam brilhantemente. Os Estados Unidos nunca dormem de touca. Quando disserem que o cavalo está morto, vocês olham o olho, ali o olho, se piscar, não está morto, levanta e dá um coice na tua cara, ^{dizer} que é para tu deixar de besteira, /que ele está morto, eu já disse desde 68 várias vezes que estava morto, não digo mais não me passa pela cabeça, realmente de morto estamos é nós, eles até estão vivos, que é para deixar de ser besta, porque há uma coisa que eles ainda não perderam é esta, aliás foi a maior potência tecnológica do mundo, até hoje, a União Soviética não ganhou neste terreno, ganhou em certas áreas, mas não nas outras, e ainda são (Estados Unidos), é verdade que não como Nação, senão como bancos, a maior potência financeira do mundo, passaram a olhados "conto do vigário" do mundo, já vou explicar como.

Segundo período, isto já não importa (mostra no quadro-negro), este foi o período do shortage of dollar, o dólar era, não apenas a moeda-padrão, a moeda de conta, o padrão internacional hegemônico, como ademais era tal o fluxo do comércio, da reconstrução, da ajuda, do levantar os inimigos anteriores, que efetivamente havia escassez de dólares no mundo, foi o que fez com que, para começo de conversa, a política de declaração da paridade ao Fundo Monetário In-

ternacional em 47/48 não valesse para ninguém, todo o mundo declarou a paridade errada, no caso do Brasil deliberadamente, gente, isso é muita tradição, o Brasil, quando não consegue, mente, estamos numa mentiragem agora de fazer gosto, mas eles parecem que não estão acreditando, isto é que é o pior (risos), não estamos conseguindo enganar ninguém. Têm uns Ministros aí que acham, mas está difícil, eu pelo menos acho que não estamos conseguindo enganar ninguém, eu olhei lá, vi eles, conversei, não estão "comendo", não estão levando a sério. Nós vamos ver. Pode ser que não precise enganar. Pode ser que dê para resistir.

O segundo período, então, foi o de investimento direto, a chamada filialização, a saída das filiais americanas para fora, jóia, fizeram o Mercado Comum, fizeram várias políticas protecionistas de desenvolvimento, nós mesmos fizemos no Brasil, todo o mundo fez como pôde. Ótimo. Agora, têm barreiras, nós saltamos as barreiras, a malta jura que está te protegendo, e já vão ver o que lhes acontece. E vimos. Só vimos, aliás. Todo o mundo levantou barreiras, fez políticas cambiais discriminatórias, fez tarifas, fez qualquer coisa, fez o Mercado Comum, bom, a ALALC nunca passou de um experimento sem grande sucesso, mas os países nacionais se protegeram como puderam. E eles entraram. Não foi depois de 64 que entraram, não. Depois de 64, entrou muito pouco capital americano novo, é quase tudo reinvestimento ou investimento financeiro em conglomerados. Filiais americanas entraram praticamente todas as importantes antes de 64, aqui, como em toda parte do mundo, porque o período pós-64 é a resposta oligopólica das demais filiais dos demais países se defendendo. Nós, naturalmente, não éramos suficientemente grandes para dar a resposta. Temos aí umas estatais que já conseguem responder minimamente mas, do jeito que vai, o Ministro ainda vai aprontar alguma que a gente daqui a pouco não consegue responder nada, ou vários Ministros, enfim. A verdade é que este período da filialização do investimento direto é basicamente americano, com a exceção do Brasil. O Brasil tem uma coi

sa peculiar. Aquele, como está muito aqui para o Sur e tem uma velha tradição de chantagem — D. João VI não desembarcou aqui em vão, a coisa do Macunaíma não foi inventada pela Semana da Arte Moderna, foi D. João VI mesmo, se vocês viram o teatro português vocês verificam, eu sei, eu sou portuguesa de origem, não podem me simplificar o que é, — a gente até conseguiu, por causa da dimensão do mercado; por causa do programa propriamente do BNDE, que disse "Olha aqui a automobilística, vamos ver aí com carma, e a naval vamos ver com carma", e a não sei qual, esse homem ficou tanto com carma que entraram todos, o que é melhor do que entrasse um, isto, por definição. E ainda reservamos aí uns mercados para a indústria nacional ir junto. Que a malta não dorme de touca, não costuma aqui ser passada para trás, não mais, agora talvez seja até passada, mas é um pouco... Costumam chiar. Tanto costumam chiar, que estão até interessados em debater comigo, vejam vocês que coisa, o que não ocorreu nos últimos anos, deve ser que estão nervosos, não deve ser pelo bem do povo, vocês acham que é? Não sei. Eles dizem que sim. Mas eu não acredito. Eu acho que eles estão um pouco nervosos com os negócios deles. Eu, como não sou de mascaragem, digo logo: "Vocês não estão nervos? Estão. Então, para que é que ficam aí embromando que é o Governo do povo, vê logo aí quais são os interesses, não chateia."

Essa é a segunda etapa. Isto dura desde aqui, 58, até 64, 67. E aí, mano seguinte, 68, eles, economia americana, têm a primeira recessão para valer, a primeira "capotagem", é o primeiro ano em que a taxa de formação do capital americano começa a declinar abaixo dos ciclos curtos que tinha tido, remember 54, Guerra da Coreia, não foi só um moto, que aqui foi muita coisa, a coisa terminou, foi em 50, 51 o auge, mas em 54 ... Essas datas — 54, 64 e 67 — são datas mundiais, não ocorreu só aqui, não, ocorreram várias coisas, em vários lugares. Eu não estou fazendo a aprendizagem para ajustar o Brasil, eu fiz a aprendizagem pelos dados mundiais, eu nem

olhei, para não olhar "deixa eu olhar", aí olhei e era a mesma, achei bacaninha quando deu a mesma. Sessenta e quatro e sessenta e sete é o término da primeira onda dos milagres alemão, francês, italiano, japonês. Termina a primeira onda. A Itália nunca mais conseguiu sair da primeira onda, ficou ali "capotando", a despeito do esforço do Estado Italiano, gigantesco, de ter levado a Itália ao que ela hoje é, o país capitalista com o maior grau da intervenção do Estado, com o maior grau de participação direta no investimento, com todas as indústrias importantes pelo menos uma empresa na mão do Estado, a automobilística, que foi feita para segurar a outra, foi com eles que a gente fez a nossa FNM, mas como a nossa não foi bem, e a deles tampouco, a Alfa Romeo, na verdade, serviu para que a Fiat tivesse lucro, a nossa FNM serviu de teste piloto para que a automobilística entrasse. É para isto que o Estado serve, afinal de contas, para servir de piloto, não necessariamente para qualquer outra coisa. O pessoal que detesta o Estado é que fica nervoso e acha que é para acabar com o capitalismo, mas isto é uma velha ilusão também, esse é outro cavalo que tem muitos olhos, é bom ver qual deles ainda está piscando, estão vários piscando ainda, firmes.

De modo que isto aqui, 68, é um período de reversão na economia mundial, também foi um período de reversão nossa, só que as nossas reversões são um pouco mais delicadas do que as da economia mundial, na economia mundial reverte ali o ciclo, depois tem lá os indicadores e vê o que acontece, aqui no nosso caso reverte o ciclo e várias coisitas mais, costuma morrer Presidente, dar golpes, é mais complicado, aqui é mais atrapalhado, a gente não tem uma estrutura social que agüente fácil ou breque. É o término de um ciclo de expansão. Por isso é que eu estou preocupada agora. Porque, imagina, se das outras vezes já foi o que foi, a gente até já pode ficar preparando, vai ser complicado, é bom ficar com muita calma, e ao mesmo tempo lúcido. Então, nesse período, reverteu lá fora. E, pela primeira vez na história da industrialização americana do após guerra, o

movimento tecnológico e o movimento financeiro americano foram insuficientes, mesmo depois de filializar, e a filialização era importante porque ela substituiu o fluxo do comércio, que era em condições de livre concorrência, com o dólar em escassez, neste momento agora o dólar já não está em escassez, e a paridade do dólar está sendo sustentada artificialmente, enquanto que a do ien e a do marco, ao contrário, e eles estão perdendo a concorrência firme para o Japão e para a Alemanha, até a França e a Itália lambujam neles ali, no mercado mundial, a participação do mercado americano começa a cair assim, lembrar que o comércio americano era 45%, no pós guerra, do mundo, hoje, se for 12%, é muito; a produção americana era mais de 50%, hoje, se for 15, 20%, se bem que a produção americana industrial depende dos preços a que você conta, se tiver preços melhores, dá 35, 40%, depende, aí no caso dos preços atrapalha muito, é a maior potência, sozinhos são tão grandes quanto a Europa; o Japão aumentou as duas, a do comércio e a da indústria, a da indústria mais do que a do comércio, por causa do crescimento interno; se nós aumentarmos a participação na produção industrial mundial, na do comércio estamos uma "porcaria", como sempre, é difícil aumentar. Neste período, a força americana não consegue segurar a taxa de formação de capital histórica, e a taxa de formação de capital, sobretudo na indústria americana, faz assim. Esse é o primeiro sintoma de crise, antes da crise fiscal; antes da guerra do Vietnã, ou junto com, a guerra do Vietnã apenas acabou com isto de vez, cortou "Ah, fizeram a guerra do Vietnã, então acabaram", ideologicamente acabaram, "são uma porcaria, uma potência intervista nojenta", terminou, bateu para dentro inclusive, a malta disse "Somos uma porcaria, somos uma potência imperialista/^{nojenta}", começaram a bater todos no peito, como os filmes demonstram, deu aquela crise de envergonhamento geral, ficou todo o mundo nervoso, acabou. Só, evidentemente, deste ponto de vista, do político, é que não acabou, até porque entre 61 e 62 as relações da União Soviética com a China começaram a azedar para valer. Então, a possi

bilidade do bloco socialista enfrentar sumiu, eles "Sopa, pelo menos nisto aqui estou sossegado", estão sossegados até hoje, deste ponto de vista. O que eles não previam era o "bode" no Médio Oriente, isso realmente eles não previam, lembra 54 a 57, eles se substituíram no papel colonial no mundo, e aí começou a perda da ideologia. Os Estados Unidos, que só tinha feito política de big stick, na América Latina, no "quintal"; que só tinha feito nas Filipinas; em 54, se substituiu no Vietnã, no Médio Oriente, na África, em toda parte do mundo; passou a ser o gendarme do mundo, e herdou a herança colonial francesa, belga, inglesa, holandesa, em plena etapa da descolonização, com o que a "porcaria" do Terceiro Mundo inteiro olhou para eles e disse: "São outra vez o imperialismo." E passaram a ser execrados. E culminou em 68. Eles, que tinham feito a liberdade do mundo; ^{que} tinham desembarcado como os bons meninos, o quiet American os liberou, passaram a ser chamados o que vocês sabem que passaram a ser chamados. Isto é grave. Isto é o que está dando a reação histórica recente. Isto é o que dá o cowboy preto. Isto é o que dá aquele "maluco" ali da Califórnia. Isto é o que dá a percepção de perda de identidade; é o que dá a percepção de que estão sendo derrubados, eles perguntam "derrubados por quem?" Eles não sabem. "Estamos sendo ameaçados." Aí começam a olhar para todo lado. "Por quem?" "Entre a gente?" Porque é uma coisa esquisita. Eu até julguei que nós "Vocês também não se enquadram, são uns desgraçados, fazem política externa independente", começam a xingar, eu juro por Deus, fui xingado ali, botavam ali o dedão, diziam "Vocês (e olhavam, "devo ser eu, não devo ser eu", olhava) não alinham, vocês..." Paranóias subindo. É um perigo. Esse é um perigo. Isto aqui não está perdido. Não esquecer. Isto aqui também não. Mas eles não têm a percepção de que são a potência. São a potência. O que é que perderam? A capacidade de ordenar o mundo, começando pela capacidade de ordenar eles mesmos, que de ordenar eles mesmos perderam em 68, com o duplo movimento, o da guerra, o da recessão, que não tem que ver com a guerra, imagine-se, ao contrário, a malta até diz, como sempre os parvos da esquerda poi-

co imaginativa inventam modas, que aquela guerra era para dar demanda efetiva, têm uns asnos ali que disseram que a guerra do Vietnã era para dar demanda efetiva, Cristo, Jesus, vai ser economicista assim no inferno. Mas disseram. Juro por Deus. Tem cada economista de envergonhar, particularmente alguns de esquerda, que os de direita não me envergonham, não tenho nada a ver com eles, fico só com raiva. (Risos)

Então, isto aqui é a etapa da filialização. Terminou. O que é que segue? A etapa do "conto do vigário". Chama-se internacionalização financeira a terceira. Vai de 68 até hoje. O "conto do vigário", não só não terminou, como periga de se tornar numa verdadeira tragédia. Oxalá fosse uma tragicomédia, era bom, uma comediuzinha a gente até gosta, por enquanto oscila, a gente não sabe se é uma pantomima, se é uma farsa ou se vai girar uma coisa trágica. Eu de vez em quando fico com vontade de rir. Mas aí, quando ri, é que dói. Só dói quando ri. Esse é que é. Dói ali "rapaz, não deve ser para rir porque está doendo", aí eu descubro que não é para rir. Não é para rir. Já vou mostrar por que é que não é para rir. A manifestação aparente dessa bodega só foi percebida em 1971 com a crise e o estouro do dólar e a primeira desvalorização. Mas algumas pessoas inteligentes, como o Prof. Trifing, já vinham avisando, desde 1957, 58, quando começou essa etapa, a segunda, que, com este movimento da industrialização para fora e da generalização do padrão americano urbi et orbi o sistema não ia agüentar em paridade; que o sistema monetário internacional estava baseado numa moeda, que era uma moeda de controle de hegemonia, e que estes sistemas não funcionam; e avisava: "Lembra da libra e do padrão ouro? Vai acontecer o mesmo.", dizia o Trifing. E a Malta dizia "Maluco, utópico, cretino." Sempre as pessoas que vêem são malucas, utópicas, cretinas. Não. Ele avisou. Ninguém deu a menor pelota. Discutiu tudo. O Bergen também, o coitadinho do Betin Bergen, sempre foi meio "santo" ali, faz aquele planejamento ali na Holanda, a turma olha, olhava, ele morreu, não é, o velho? Acho que está para morrer. Se não morreu, deve estar aí para "apagar", coita-

do. É que está morrendo um velho atrás do outro, todos gente boa, e eu fico até já confundido, eu já estou até estando alguns que/não morreram. Só não consigo matar aqueles velhões ali, aqueles mais, não é? Os velhos conservadores têm mais resistência. (Risos) Deve ser que eles melhoram ali o fígado deles de alguma maneira.

Todo o mundo avisou que esse padrão monetário não podia ser sustentado porque estava dando lugar a um fluxo desigual de comércio. Em particular, todo o mundo avisou, nós, latino-americanos, avisamos em 62, 63, foi o começo do movimento da UNCTAD de que não era possível sustentar esse padrão de comércio, que nós não íamos agüentar, porque com aquele padrão de comércio, nossa participação no comércio diminuindo, o comércio intracentros aumentando, primeiro pelo movimento dos Estados Unidos para a Europa; depois pelo movimento da Europa para o resto do mundo; e dos Estados Unidos, via filiais, para a Europa; estava reforçando a relação entre os centros, e nós, aqui, olha, cacete, as matérias-primas descendo, como sempre, e nós lutando na mesma, pela industrialização; pelo direito de exportar; para que eles terminassem o protecionismo; pelas reservas; porque as regras do GATT não podiam continuar, que a gente não aceitava; que pé-pé-pé, que pé-pé-pé, que pé-pé-pé. Em matéria de política comercial, nós aqui, até é do ramo, ^{e ou não é, professor,} lutamos aí sem parar, agora é que até estamos perdendo o treino, acabamos na trombada do café, de pura incompetência da gente, não é só incompetência, o mercado está ruim, mas a gente foi incompetente, coisa que fazia tempo que a gente não era, não só não estamos aumentando a nossa competência para o que vem, como ademais estamos perdendo a pouca que tínhamos, o que é grave, eu diria, grave. A gente levou direito. Sempre levamos direito as negociações. A CACEX sempre foi um bom instrumento. O pessoal sempre lá em cima faz o que pode; o pessoal do Itamaraty sempre foi do ramo; teve ali um intervalo, aquele baiano "maluco" disse ali que os interesses dos Estados Unidos eram mais não sei o quê, mas aquilo foi uma vergonha geral, ninguém acreditou, olharam-se "Não é possível",

mas realmente foi uma vergonha geral, ali nem a grande empresa agüentou, aquilo ali foi demais "Esse velhinho está ficando um débil mental, faz anos que diz o contrário, o sujeito vende uma coisa dessa", quer dizer aí também foi chamada a vergonha nacional, ninguém acreditou, durou dois, três anos anos, aposentaram com honras, está vivo ainda o velhinho, eu não digo? Velhinhos desses é que vivem. (Risos) Está lá o velhinho, eu encontro o outro dia arrastando os chinelos o velho baiano ali, simpático, uma boa pessoa, não entende nada de nada, eu imagino, porque, se não, não diria aquela brutalidade, disse, por conservador que é, nem pagaram para dizer, não, aliás isso é que a chatice, porque, quando pagam, até a gente entende, não entende porque é que diz sem pagar, grátis é que é chato. (risos), disse ali sem ninguém pagar nada, está lá/só a admiração basbaque. E passou rápido. A malta voltou a tomar compreensão "Devagar com andor, porque afinal de contas não é nada disso; nós temos aqui um Estado, que é do Rio Branco, um Estado Nacional antigo; até negociamos direitinho esta questão aqui das fronteiras; nós até fizemos um Estado tampão ali no meio entre nós e a Argentina; mantemos o pacto com o Chile faz um tempão, não importa se é socialismo, a gente não tem nada a ver com isso; estamos aqui, que história é essa? ademais, negociamos; vigiarizamos os banqueiros ingleses; juntamos para cá; fizemos uma jogada com os americanos e com os alemães; e agora de repente vem esse asno e diz que os nossos interesses é não sei mais o quê", foi um horror. A Casa ali do Rio Branco tremeu ali nas bases. O pessoal tem uma burocracia tão respeitada quanto a do Banco do Brasil, como foi esta durante um tempo, espero que continue, há umas burocracias com alguma tradição nesta terra, e o pessoal ficou nervoso. E levou de volta outra vez. Nós lideramos os 77, nós temos um discurso absolutamente progressista, terceiro-mundista e avançado na categoria do lado comercial e um discurso conservador na categoria política, mas isso, enfim, depende da conjuntura política, também os diplomatas não são "malu-

cos". E foi andando, neste período. Mas uma coisa não podia andar, que era o seguinte. Este é o período em que os americanos forçaram, forçaram é o termo, a sua dívida sobre o mundo. É claro que, no debate do Trifling com o Kildenberger, há dúvida de quem forçou o quê. Na verdade, os bancos americanos também saem atrás das multinacionais a partir de 64. Não entram, por exemplo, aqui, isto é não entraram, agora vão fazer uma força que vocês vão ver. Entraram ali no Panamá, entraram ali no Peru, aqui na América-Latina só conseguiram algumas praças, no comércio não entraram, nem saíram, estão ali ao lado da fronteira, os do Texas ali, não tem problema, a fronteira é aberta, e ademais o mercado de câmbio é livre, financeiro. Mas entraram no mundo europeu, o que é engraçado. Porque o mundo europeu tem uma tradição bancária selvagem, pois foi através dos seus bancos que eles fizeram a sua indústria, e deixaram entrar. Deixaram entrar porque, na verdade, os bancos americanos eram sócios no negócio da expansão da liquidez feita pelo FED, o FED começou a se comportar como Banco Central do mundo, a emitir dívida contra o resto do mundo, coisa que deixou, por exemplo os franceses, que não entram no jogo, possesores. Não só o De Gaulle já ficou possesso, que não queria dólar coisa nenhuma, queria ouro, que fossem amolar o boi, que não estava para pegar dólar desvalorizado, as reservas não aceitava, trancou o seu sistema, trancou, o sistema francês até hoje é trancado, ele tem um sistema financeiro por um lado, e um sistema bancário comercial por outro, que é nacional, estatizado, eles não deixam se meter o "troço", fazem na parte flutuante do comércio, a parte do comércio está sob controle ali, e a parte flutuante das moedas, essas sim, pode jogar aberto, com um certo controle do Banco da França, que é um banco ortodoxo, conservador e francamente nacional, aquilo ali a malta não brinca em serviço. Os demais deixaram. E, quando eu digo deixaram, é deixaram mesmo. A praça de Londres deixou; Hamburgo deixou; Berlim deixou; Roma deixou; Bruxelas deixou; a Europa inteira deixou. Deixo de tal maneira que até os sovié

ticos "Está para nós", e também jogaram ali, no euromarket. E começou o famoso mercado de euromoedas, no qual as filiais dos bancos americanos jogavam o papel de uma duplicidade, em relação ao seu país de origem, dos mais fantásticos. Quando a política do FED é expansivista, os "caras" endossavam a política, levavam adiante, apoiavam a expansão simultânea do crédito na Europa e se locupletavam; quando era contracionista, as filiais dos bancos americanos jogavam contra o dólar. E quebraram o dólar, eles mesmos. Só uma das filiais americanas não bancárias, européias, jogou, numa semana, um bilhão de dólares contra o dólar. Bonito, não é! Quebraram o dólar eles mesmos, que é para vocês verem o que é que é a solidariedade nacional naquele capitalismo, que jamais foi nacional na vida. O capitalismo americano tem uma característica: ele nunca foi nacional. Ele já nasceu como grande capital, e ao pouco andar já estava virando para fora. Apesar do enorme espaço econômico, é uma plutocracia. O Estado Americano é um Estado muito precário. Tem uma constituinte democrática antiga. Tem uma plutocracia, que se apoderou ali do Congresso, do Congresso de Filadélfia, em 1876, teve um período ali com o Roosevelt, que botaram eles na ordem, o homenzinho, o Roosevelt está ali naquela crise ali de 30, diz "Olha aqui, vamos devagar com o andar. Porque essa coisa de a Wall Street encher o saco do meu capital industrial, e o capital industrial encher o saco uns dos outros, e vocês me arrebentarem com a Nação, não. Já me aprontaram (porque foram eles que aprontaram) uma recessão mundial." Foram eles, foi a praça de Nova Iorque que aprontou, foi o FED, que não bancou a dívida alemã, e que tinha reservas do mundo inteiro na mão, e deixou o mundo ir à ruína. "Então, já me aprontaram. Não. Agora, vocês vão andar em ordem." O Roosevelt. Era odiado pelo grande capital bancário e pelo Partido Republicano. Foi o tempo áureo do Partido Democrata. Ali separou. Ali o Partido Democrata era uma coisa, o Republicano era outro. Depois mixordeou, como está lá até hoje, ninguém mais entende nada, que é uma confusão, tem que perguntar que democrata é, de que bairro, de que constitua, se é do Sul, se é do Norte, se come amendoim, se gos-

ta de pipoca, é muito complicado. (Risos) É tão complicado que a população americana não vota. Ela não entende mais porra nenhuma, não vota, fica ali "Não voto, essa coisa é uma palhaçada." Não vota. E vai diminuindo a votação, e dá aquele horror, que lá está. De não votar e não votar, é capaz que ganha o cowboy ali, por distração, vai ser uma coisa selvagem, eu posso garantir. Espero que a malta ali acorde e vote. Mas é que a turma é distraída. E não tem nenhuma consciência que são a Nação hegemônica no mundo. O povo americano não sabe. Não sabe. Ele não tem culpa nenhuma. Diz "Mas eu não tenho nada que ver com isso." Então, a malta não sabe. É tudo ali convocação ali para o cowboy. Também olha para dentro. É tudo um enorme estômagão também. Bota ali para dentro. Então, ele não vê nada. "O negócio de política internacional é muito complicado." Tem lá a televisão que explica. Mas a turma a essa hora está vendo cowboys e outra coisa qualquer, não tem mais o que fazer, salvo Nova Iorque e Washington, que é a casa das fofocas, e Nova Iorque, que é o grande centro cósmico do mundo, o resto dos Estados Unidos "Não estamos nem aí", isto é só estão lá, o que é grave.

Neste panorama de expansão financeira descontrolada da dívida americana, que era, por um lado, a dívida do balanço de pagamentos, a dívida externa, por outr lado a dívida interna, a mesma "gracinha" que a gente está fazendo agora, é também uma "gracinha", emite dívida externa; emite dívida interna; uma é a contraparte da outra; e eles não têm nem problema, porque a dívida é uma só, é em dólar, não precisa nem converter, não tem nem o problema de converter, nós temos, aí, quando a gente converte, a base monetária da gente incha, têm uns malucos que acham "Ih! Está expandindo muito. Corta." ; mas "Olha, está expandindo muito, que entraram dólares, e aí precisa entrar o dólar" mas "Corta, corta"; aí entra tudo em pirueta, como vocês sabem; lá, pelo menos, a pirueta não é tão grande, porque é em dólar mesmo, então o "cara" não tem que converter para nada, já está ali, entra dólar, sai dólar, tanto no Fisco, quanto no Banco Central, é a mesma coisa; nós, não, nós temos a conta de

dívida pública, que é em cruzeiros, e uma dívida externa que é em dólar, e, quando converte uma na outra, dá essa piroquetagem que está aí, dessa política monetária desde 74, que é aquela desgraça, de repente o "cara" esquece que está convertendo numa outra, diz que tem uma base monetária alta, corta. "Não corta, rapaz." Não vê. O sujeito esquece. Não converte ali os dólares. Não consegue. É uma coisa...
Dá uma esquisofrenia ali no "cara" do Banco Central, ^{ele} não converte. Depois, diz que a base monetária está expedita, fica nervoso, corta o crédito, aí toma uma recessão na cara porque o "cara" esqueceu que tem que converter. É uma coisa grave esse assunto. E vão esquecer. Porque tem contradição. Eu não vou entrar nesse assunto.

Isto aqui não terminou. Tem os seguintes happenings. Setenta e um, eles entraram em crise, jóia. Resposta: mini-boom da Alemanha, mini-boom da Europa e super-boom, em cima de um boom, do Japão; e nós, então, rapaz, aquela "glória", que vocês conhecem, o milagre, nós respondemos ali com milagre, foi um tal de milagrar por aí que não terminou mais, milagrou o México, milagramos nós, milagrou o Japão, até a Itália deu um milagrezinho último ali; o último milagre, a França, para quê dizer, reforçou o seu poder nacional, depois de maio de 68, que ia acabar, lembram, ia acabar, Paris ia acabar ali com os estudantes, o Dr. De Gaulle ia chamar até as tropas para bater nos estudantes, aí não chegou a chamar as tropas, os estudantes foram para casa, ia acabar a França, de repente não acabou, deu outro milagre francês, que terminou nessa coisa conservadora engraçada, três elegante, calhorda da coisa francesa, que está lá, interessante aliás, país simpático, muita tradição, muita tradição, aquilo ali é uma gente com muita tradição, se segura direito na tradição. A Inglaterra acabou de afundar. Então, está "broca". Porque a Inglaterra, evidentemente, é sócio menor deste jogo, que só leva pancada com isto. Primeiro, ao longo de tudo isto, a Inglaterra perdeu toda a sua indústria, exceto aquelas dez ou vinte grandes, que são multinacionais, portanto não são inglesas, lá nasceram umas inglesas, não têm nada,

estão a Unilever, aquelas grandonas inglesas, a Shell, aquelas coisas lá, que de inglês não tem mais nada, o resto, a indústria propriamente inglesa, foi para a prega, as quinhentas maiores inglesas, você olha lá, de inglesa mesmo, que é bom, não tem nada. O sistema bancário inglês continua impávido assistindo à ruína da sua indústria, como é da sua tradição, negócio de indústria não é para gentleman, isso aí é para o engenheiro, e o sujeito fica ali na city fazendo cinema. Os nossos banqueiros não são assim, não, o negócio não tem que ver o engenheiro mas é muito perigoso, esse negócio de indústria é muito perigoso, não dá lucro, é muito arriscado, é melhor ficar aqui com os bancos, e deixa que a indústria se arreventa, um desses dias eles vão ver o que vai se passar por causa dessa "gracinha", aliás num desses dias não muito remoto, eles vão ver o que vai se passar por causa dessa "gracinha", em todo caso não é porque não é de gentleman, a turma aqui não é dada a ruling class, salvo os mineiros, coitados, que até já faz muito tempo desistiram. Então, lá a Inglaterra, whisp! (simbolizando queda) devidamente, como convém. A França firme, parando o ritmo. A Alemanha, num padrão de concorrência com isto, que resultou na seguinte "graça". Quando o petróleo deu a volta em 74, o resultado final desta gargalhada foi o seguinte, para vocês verem o "bode" em que a gente está, o seguinte. Dos seiscentos e tantos bilhões de dólares que andou dando volta aí, sem ter onde sentar, porque o ciclo mundial de expansão terminou, está na seguinte situações. Um terço, aproximadamente, está na caixa, na conta bancária, do lado do ativo para elas, do passivo para os bancos, das "sete irmãs", 1/3, com a malta do petróleo, que naturalmente nem se opôs à coisa da cartelização, porque estava ótimo, deu uma valorização nos estoques delas e na possibilidade da subida de preços que não incomodou. O outro 1/3 são ativos dos dez maiores bancos multinacionais, porque a esta altura já são multinacionais, não respondem à ordem do FED, o Federal Reserve não manda mais, eles gargalham na cara do Voker, o Voker "Vamos apertar a política monetária?" "Não." E aí ele aperta, e eles enxugam a liquidez euro-

péia e desapertam, e o Volker fica olhando navios, a taxa de juros vai lá para cima, cai, a economia americana entra num inferno, e fica nervoso "Vocês não cumpriram." "É que nós somos homens de negócios. Não temos nada que ver com isto. Somos pela livre empresa. Que história é essa agora de vocês se meterem?" Eles são ali pela livre empresa. Então, arrebetam ali com a nação deles como convém. E o Volker, que não consegue entender nada, fica nervoso, cada vez mais nervoso, diga-se de passagem. E nós juntos, não é, porque isso não tem graça nenhuma. Eu só estou caracterizando de nervoso. Eu juro por Deus que essa minha mania de fazer piada não é porque eu ache graça nenhuma, isso é para aliviar a tensão. Então, como é que está? Um terço com as "sete irmãs". Um terço com os dez bancos, desses dez bancos, os cinco maiores são americanos, são na verdade os fathers of the land, são os fundadores da economia americana, são os fundadores do sistema industrial americano, são os fundadores do sistema manufatureiro americano. A Alcoa depois se agregou ali, a General Motors, a GE etc. Mas isso aí foi depois. Estes são os que têm, no seu poder, uma boa parte dos ativos ^{boa} do mundo; uma parte dos recursos minerais do mundo; uma boa parte das terras deles mesmos; uma boa parte das indústrias mais importantes. São aqueles que estão no livro antigo do Option, de 1905, são os que fundaram o capitalismo moderno das multinacionais. São eles. Todo o mundo conhece, não é verdade? Thunderbird, Rockefeller, enfim aqueles conhecidos, Manufacturers Hannover, Morgan, os conhecidos, aqueles que são de livros de textos já, quando os textos dizem alguma coisa, em geral, ultimamente, só fazem curvas, então as pessoas não conseguem ver nada. Estes cinco maiores, mais o Deutsch, mais o Bank of Japan, mais os dois grandes suíços, mais os Sindicatos de Londres, e, se está faltando algum, é o outro americano, deve ser o Bank of America, que eu esqueci de falar, que não é tão grande quanto estes todos. O outro terço é dos árabes, ativos dos árabes, passivos dos bancos. Então, está assim. Um terço destes é ativo desses e passi-

vo dos bancos. Um terço destes é ativo dos bancos, passivo nosso, olha nós aí, só nós somos responsáveis, aqui deste um terço, de um dinheirão, só nós, não é, seiscentos, vocês tiram uns duzentos, dos duzentos os nossos cinquenta, aí você vê quanto nós pesamos, neste um terço, deles, bancos, ^{que é} para ver só o nosso destino, um terço dos ativos novos dele, desse um terço, que são duzentos, nós temos cinquenta, vinte e cinco por cento, nós sozinhos, de arrivinho, não é, por isso é que eles dizem que o exposer está excessivo, e está, como está excessivo, 20% dos lucros do Citibank são pagos no Brasil, 20% imaginam se não está excessivo, é excessivo. Diga-se de passagem que 20% dos lucros fictícios, ali não entra, nem sai nada "Me ajuda, eu quero o suor de vocês", não está indo "suor de vocês" para lugar nenhum, aliás não está indo nada para lugar nenhum, é conta-corrente vai, conta-corrente vem, ativo vai, passivo vem, não vai, nem vem nada. Vocês imaginam que entra dólar e sai lá para lugar nenhum, joga tudo lá na conta. Então, "agora aumentou o passivo", aumenta a passivo; "aumentou o ativo". É só. Não entra, nem sai nada. Isso é para não ter idéias malucas na cabeça. Isso tudo é mais por causa dos serviços da dívida e dos deficits acumulados do balanço de pagamentos. Isso aqui representa apenas a conta petróleo, a conta petróleo depois da alta do petróleo, antes não tinha nada que ver com a conta do petróleo, isso representa o salto do petróleo, mais o serviço da própria dívida, para pagar outra dívida, para pagar outra dívida. É só. Nós ainda não pagamos a conta do petróleo. Mas a gente paga um desses dias. Como eu não sei. Eu já vou dizer uma das possibilidades, que é bastante desagradável, eu diria, bastante desagradável. Em todo caso, não será com o suor do povo brasileiro, nem mandando o excedente de ninguém, porque só pode pagar com o suor de alguém se tiver um excedente mercantil, isto é se exportar mais do que importa, que é o que eles gostariam de impingir como modelo à gente, mas não dá. Então, o mercado não absorve. Não dá muito para explorar o povo. Aliás, o povo brasileiro aqui não tem, não produz dólar o povo brasileiro, é difícil. Só

cruzeiro. Para converter em dólar, é preciso exportar, mais do que importa, o que é difícil. Nós nunca exportamos muito mais do que importamos, em tempo algum, salvo em recessão. Nesta aqui, não vai dar. Depois eu explico. Esta situação $1/3$, $1/3$ e $1/3$ "embanana" o mundo completamente, pela razão seguinte. Os Estados Unidos, para manter ainda o seu papel de potência, com o Sr. Volker, que é aquele gênio que lá está no FED, e, se não for ele, qualquer outro, dá na mesma, cismam em manter supervalorizado o dólar, o que os japoneses e alemães acham uma jóia "Ótimo, mantenham, mantenham, que vocês continuam se ferrando no comércio", tomem de perna na participação do comércio, tomem de aumento do Japão sem parar, tomem de aumento da Alemanha sem parar. Possessos com isso, periodicamente eles fazem uma chamada de capital e pedem que os Bancos Centrais se enquadrem com o dólar. Na última chamada dramática, lembram, em 1978, quando ameaçou de estourar de novo o preço do petróleo, antes que estourasse, o Presidente Carter chamou os Bancos Centrais, a taxa de juros estava em 8%, a taxa mundial de juros, fez um acerto, resposta do sistema: outro salto do preço do petróleo. E a taxa de juros foi de 8 para 14, e 19% em maio do ano passado. A taxa de juros, que era de 8, foi para 19, e o petróleo estourou de novo. Outro desequilíbrio no balanço de pagamentos americano, que já não tem mais desequilíbrio possível, aquilo já é uma ruína, a dívida externa americana é maior do mundo, individual, a dívida fiscal americana também, tanto que eu costumo responder que a gente paga a nossa quando eles pagaram a deles, mas eles dizem que eles têm outros instrumentos, que nós não temos, o que é verdade, aí eu calo a boca e saio andando, que ninguém é "doido", uma resposta malcriada, levo outra pela cara, que é para deixar de ser imbecil, evidentemente. Isso é coisa de subdesenvolvido mesmo se metendo a galinho, coisa de mulher também, homem acho que teria vergonha na cara, não faria (risos), se bem que o Gordo vai lá e faz, ameaça, não sei mais o quê, vai ver ele pertence aqui, não sei (risos), o fato é que diz a mesma coisa, leva porrada, "se o senhor acha que não vai",

tum, pancada que é para deixar de ser besta, a gente chega lá "Nós nada", aí tum, que é para ver o que é o fim, para deixar de achar que os "caras" não entendem. Entendem.

Esta situação leva hoje ao seguinte problema estratégico. Primeiro, vocês entenderam que do ponto de vista comercial, enquanto os banqueiros resolverem que o dólar é que é o padrão — coisa que não é a questão dos banqueiros, porque os banqueiros americanos já não têm nada que ver hoje com a dívida americana, os banqueiros americanos já fabricam outro dólar, que chama-se dólar de conta, ou seja moeda denominada em dólar, mas que já descolou da dívida externa americana, porque a dívida externa americana, dada a política de stop-and-go, desde aquele "malucão" que caiu, aquele "doido" ali do Nixon, está claro, tem o stop-and-go, por razões eleitorais, tum, tum, tum, tum — é nisso que está a economia americana, está no tum, tum desde 1971, esta ano vai a um tum para baixo outra vez — por causa dessa "graça", a dívida externa americana não tem expandido na velocidade que tem expandido a liquidez, que no momento está sendo alimentada pelo excedente petroleiro, agora já por conta dos árabes, ali aquela malta do Emirato, que obviamente por mais que eles tenham respondido empilhando mercadorias, vocês imaginam que no Kuwait não cabe tanta mercadoria, é muito pequenininho, não cabe ali, não dá, ainda dá para vender algumas armas para o Iraque, outras para o Irã, o Irã foi o paraíso ali, todo mundo vendeu foguete, usina nuclear, entupiram ali o Irã, depois de repente o "diabo" do xá achou que era potência, ali o xá que achou que era potência, resolveu ali negociar com os alemães um pacto de gás através da União Soviética sem consultar os americanos, os americanos "Mas eu acho isto um exagero, vamos tirar este maluco deste xá, que a gente já aturou muito tempo, ali tem/um outro que é nosso", distração, tiram o homenzinho, o "nosso" não ganha, ganha esse "louco" que está lá, e os "caras" estão fuzilados hoje por causa daquele equívoco, de acharem que tinham ali o "nosso", eles cometem vários equívocos, e eu espero que eles não

tenham essas idéias de jerico com a gente, porque realmente não tem nada de "nosso" aqui deles, eles é que estão enganados, de modo que há um equívoco, espero que esse eles não vão cometer, cometeram o equívoco, agora estão numa "banana" de fazer gosto. Agora está uma situação cômica. O Iraque todo o mundo financia. Vai ser engraçado. Financia a União Soviética, a Alemanha, os Estados Unidos, nós, quer dizer é uma coisa horrorosa, e não se entende nada, nem nós, nem eles, não se preocupem, ninguém está entendendo nada, não há a menor possibilidade de que esteja alguém entendendo nada, o que significa que esta "graça" deu os seguintes problemas insolúveis a curto prazo, mas insolúveis é do ponto de vista sistêmico, isto é desordenou a ordem mundial capitalista ^{pelo} por/menos uma década, mas não julguem que a desordem é melhor do que a ordem, porque na desordem mesmo é que costuma soltar a garra, a coisa começa a complicar. Então, estamos na seguinte desordem, que está sendo discutida nas Universidades, no CDE, no Banco Mundial, no Fundo Monetário, nos Comitês de bancos internacionais. Nunca vi tanto banqueiro internacional querer conversar também com intelectual, é uma coisa desagradável, eles não conversam, já fui lá ver, não gostei, aqui não conversam nada, "não tenho nada que ver com isto", está chato o "troço". Conversam com todo o mundo. Marcam entrevista com todo o mundo. Perguntam. Fazem Seminários. É uma coisa inacreditável. Eu nunca vi tanto Seminário nos dias da minha vida, coisa já de endoidecer, cá, lá, em toda parte, Norte-Sul, Sul-Norte, para a esquerda, para a direita, do Terceiro Mundo, dá a volta, uma coisa já bonita de ver. Então, ataboaram. Aquele "brincadeira" da trilateral não andou "Estamos dizendo que é trilateral." Não andou. Aquilo ali não deu nada. Ali a malta se juntou toda ali com o Dr. Kissinger, vários latino-americanistas ilustres alguns que estiveram aqui no Brasil, pessoas inteligentes do Departamento de Estado, liberais, conservadores, banqueiros, industriais, sentaram ali uns trezentos tipos ilustres "E se a gente botasse aqui uma ordem transnacional ? " Aí começou o Huntington : "Ah, mas com

democracia não dá, é muito complicado", umas insinuações de que era melhor pensar, de fazer uma coisa um pouco mais conservadora, aí nem todo o mundo achou graça, e não deu em porra nenhuma. A chama da ordem transnacional é difícil porque não tem um Estado que fiat a ordem, o Estado que devia fiat a ordem é este, que eu apaguei aqui do mapa, não que ele tenha sumido do mapa, muito pelo contrário, está cada vez mais presente, no mapa, sobretudo no nosso mapa aqui, deste continente, mas porque não consegue manter a ordem. Então, você tem uma crise sistêmica que hoje, reconhecidamente, passa pelos seguintes problemas, um ciclo de internacionalização dinâmica, que a não dinâmica já vamos ver no que é que dá, não está clara, que resulta da generalização do sistema manufatureiro americano a todo o mundo, inclusive a União Soviética. A União Soviética só tem um padrão tecnológico próprio para três ou quatro coisas decisivas, de infra-estrutura, de tecnologia espacial, que árduo é, de algumas coisas genéticas, que não lhe deram resultado, o resto do padrão tecnológico é absolutamente idêntico e o sistema manufatureiro também, é a forma da organização industrial, certos combinados soviéticos lembram, pelo seu peso e mamutismo, o mamutismo de boas multinacionais americanas, com a diferença que nem sequer a estrutura executiva é tão ágil, se bem que ultimamente não anda ágil em lugar nenhum do mundo, isso é preciso ter claro, e tem um problema sério, não resolvido, et pour cause, o povo ali come ali, se alimenta, é gordo, gosta de comer direitinho, e dão de comer para ele. A terceira coisa que aconteceu foi o seguinte, generalização do sistema manufatureiro americano, crise do padrão de comércio e financeiro sob a hegemonia americana, crise energética, que significa todo o sistema tecnológico montado sobre o automóvel, o petróleo e a petroquímica, tudo invenção americana, não invenção, inovação, porque invenção até foi da Alemanha, até foi da França, até foi do meu país, mas quem levou este sistema à escala e generalizou, do fordismo, do taylorismo, dos plásticos, da propaganda, do marketing, do managering revolution, da "porcaria" toda foram eles, eles impingiram este sistema ao mun-

do inteiro, e o venderam como sendo eficiente, imaginem, eficiente, uma "porcaria" de um sistema desse, com uma taxa de desperdício selvagem, falavam eficiente. E isto já era. Como disse o Ford: "The days of the automobile industry are over." Não que esteja over no sentido de que vai acabar: no sentido de que ela não é a indústria dinâmica de ponta que justificava o que justificou no mundo inteiro um sistema de transporte rodoviário, com o Banco Mundial apoiando uma infraestrutura, apoiando por outro lado um sistema energético, e apoiando um sistema de transportes de estilo rodoviário, que generalizou no mundo inteiro, inclusive na União Soviética, que, apesar de ter mantido o seu sistema ferroviário de canais em vigor, não expandiu o seu sistema de transportes nessa via porque a fonte energética mais barata era o petróleo e ainda é até hoje, a despeito do salto dos preços. Diga-se de passagem que a apropriação privada do petróleo e o aparecimento das fontes da Arábia implicou em que foi o único preço de matérias-primas que caiu sem parar, em termos relativos, de 1950 a 1974, o que é um recorde, que o café fez assim (gesticula), os minerais fizeram assim (gesticula), em círculos discrepantes. Quando agora o petróleo estourou, em 74, estouraram todas as matérias-primas, estourou também a taxa de juros, com o kick de 74 a 78 o petróleo voltou a cair, e só agora, em 78, os árabes disseram: "Agora, vamos devagar com o andar. Nós agora vamos indexar." "Mas como é? Vocês vão levar um salto outra vez?" "Não sei. E, tem mais, vamos indexar." É claro que não estão conseguindo indexar nada, até porque o Iraque, o Irã, a Arábia Saudita etc. não se entendem uns com os outros, mas estão forçando a barra para indexar, e têm capacidade de resposta, como têm demonstrado, a menos que "embanane" toda aquela "porcaria" lá. Então, esta aqui não tem saída. Isto os levou, com a coisa da crise americana e com a coisa do superavite em dólares, a uma crise financeira. A ciranda financeira mundial deixa a nossa "brainceira" de ciranda longe. Aliás, a nossa felizmente é uma caricatura, é uma miniatura da deles. É uma ciranda financeira, que começou para

valer em 74, é a cara, em cruzeiros, da ciranda deles, e recorda a ciranda deles — toda vez que entra, expande a base monetária, o Ministro se assusta, lança LTN, jura que enxuga, a LTN vira dinheiro endógeno, o sistema financeiro circula o dinheiro, vai à quebra, chega ao Banco Central, o Banco Central comparece, emite outro dinheiro, o sistema se expande de novo, e toma de pau — exatamente, só que com a intervenção pública, enquanto que a ciranda deles é privada. Os Bancos Centrais do mundo não podem com a ciranda deles. Mesmo o Deutsch, que tem por berço liberal, por causa da concorrência, porque o Deutsch Bank está em concorrência com os outros, está liberado das regras do Banco Central alemão, que é um dos mais conservadores e restritos em política monetária. O Banco Central alemão tomou um tamanho susto depois de 29, naquela desgraça que lhes ocorreu, que é realmente o banco mais ortodoxo do mundo. Aliás, os banqueiros europeus são a coisa mais dura de roer em matéria de negociação do mundo. O Dr. Roberto Campos é um especialista nisto — o Ministro San Thiago Dantas, que oxalá estivesse vivo, seria um negociador muito mais confiável — tem experiência. Todos os Ministros que negociaram a dívida brasileira sabem que banqueiro europeu é "fogo", é pior do que os americanos. São mais hard. E os alemães em particular, por causa da experiência histórica. Eles quebraram uma vez. Lembram? O negócio de ter quebrado o sistema bancário uma vez é uma experiência que não esquecem nunca. Quebraram. Então, eles têm um medo, pânico. Mesmo assim, o Banco Central alemão não pára a cara bancária privada do euromoe da Deutsch porque, se parar, o Deutsch perde a capacidade financeira ^{de apoio} às suas exportações e às suas multinacionais no mundo. Então, eles não são "malucos". Deixam. O Banco do Japão, que é um banco que só era permissivo para dentro, isto é para os sete grandes, que são japoneses, hoje é permissivo para fora. Assim, é obrigado a "reinar" com o ien como uma cobra, para acompanhar o movimento das moedas denominadas em marcos, o Banco do Japão está operando nas moedas denominadas em dólar, especulando na praça tão vergonhosamente quanto qualquer

banquereco do Texas. Mas o negócio é tão bom que os dez ali, que queriam guardar ali para eles, estão sendo ameaçados por outros tantos, por vinte, para dizer a verdade, que estão querendo entrar. A negociação do BNDE com o Banco Montreal é uma prova. O Banco Montreal queria dar, e eles é que não deixaram. O Bank of America quis bancar. Mas o City e o Chase não estão aí brincando em serviço, afinal de contas são os maiores credores. Por causa disto, esta situação, está sendo perguntando o seguinte: como é que faz? Os americanos e alguns, o Deutsch/^{parece que}também, o Bank of Japan, o japonês tem horror do controle sob controle americano, eles têm experiência também, estão a fim de controle supranacional, outra vez o Fundo Monetário, coitado, mal que se tem nas pernas e que hoje comparado com o antigo Fundo Monetário é uma espécie de fantasma, então o Fundo Monetário tem que entrar na jogada. Como o quê? Como gendarme, para guardar, como terra de caça, para os grandes bancos americanos, o seu mercado. Mas a outra malta está contra. Estão pela liberdade de mercado. Nós também,hein, gente, nós estamos francamente pelo liberalismo, deles, o nosso é que não, o deles de preferência, é o contrário, eles querem que a gente fique liberado e eles protecionistas, nós queremos o contrário, queremos que eles fiquem liberais e nós protecionistas, é o correto, afinal de contas cada um se defende como pode. Este sistema, ao ter "capotado", deu lugar a uma onda de neoprotecionismo, e o GATT premiou isso no seu último acordo, as regras do jogo estão congeladas, e nós assinamos. É claro que nós estamos no GATT há muito tempo. É claro que a gente negociou como pôde. Mas eles nos impingiram o retirar os incentivos das exportações, deram três anos para isto, o Ministro se antecipou, disse "Retiro tudo, faço uma máxi." Tomamos essa porrada na cabeça que vocês viram ali no fim do ano. Neoprotecionismo. Crise financeira, com duas alternativas ou três ou quantas sejam, na verdade têm três alternativas, e a saber-se uma quarta do lado dos árabes. Entre as três está o Banco Mundial, que tem uma posição muito interessante. O Banco Mundial é um banco esquisofrêni-

co, no momento, aproveitar a esquisofrenia. Ele tem três linhas. Uma, que está preocupada com a pobreza. O Dr. MacNamara resolveu ali salvar a alma, se preocupar com os pobres do mundo, é hoje o paladino da distribuição de renda. Tanto que eu já disse aí ao pessoal da Oposição que devem ali buscar o subsídio, que o pessoal ali é bom. (Risos) Eles estão muito preocupados com a pobreza, todos, questão de consciência, o que é correto, afinal de contas tem é mais que se preocupar, porque andaram fazendo tantas asneiras no mundo. Outra área do Banco Mundial, que é a área tradicional antiga, continua preocupada com o projeto de investimento, que é para isso que eles existem. "Isso está uma zorra, esse troço ninguém investe nada, está uma "porcaria", esse negócio está um inferno." Como eles são um banco tradicional, de infra-estrutura etc., eles ficam "doentes". "Escuta, mas ninguém faz nada, está uma chatice, ninguém faz coisa nenhuma, esse negócio não vai ir bem. Porque essa crise energética devia estar dando outro sistema de transporte, e ninguém faz nada." Devia estar dando um red deployment energético, mas as "sete irmãs" estão fechadas em copas, esperando se vai dar atômica, se vai dar biomassa, se vai dar não sei mais o quê, se o preço do petróleo realmente se estabiliza, para eles poderem fazer o cálculo. E não andam para lugar nenhum. Perdão, andam sim, senhora, vocês sabem para onde elas andam? Olha nós aí. Elas estão andando para as reservas minerais. De repente se interessam em todos os minerais. Aliás se interessam em qualquer coisa. O outro dia, a gente abre ali uma revista americana, descobre que a Exxon, se puder, compra a IEM, que é uma coisa espantosa. Bom, a IEM não dá. Então, a Xerox. Você pergunta: "Mas vão comprar?" Está complicado. Ninguém sabe quem vai comprar o quê. Porque não é brincadeira. São duzentos e tantos bilhões de dólares dando volta, só deles, com uma taxa de juros real negativa, que a inflação mundial come a taxa de juros. Não está dando, o dinheiro está sumindo com a inflação mundial. As dívidas, isto é os ativos deles que são emprestados via banco ao Terceiro Mundo sumindo. E o pessoal fica

nervoso, fica tão nervoso que a pressão sobre as reservas minerais é fantástica. Para vocês verem, eles quiseram comprar, nada mais, nada menos do que as minas de cobre chileno. Mas aí até o Pinochet, que entrega a mãe, se for o caso, não pôde. Porque o pessoal olhou ali "O Gal. Lee diz que não vai entregar." A Aeronáutica ali levantou-se "Não entrega, não há possibilidade, isto aqui vai dar um bode. Você entrega as outras." Aí ele entregou as outras. E os "piranhas", que são um banco financeiro especial, que está ligado ao Governo e por outro lado está ligado aos grandes bancos, então via eles entregou a área mineral restante, mas não aquela lá que, mal que mal, levou ali anos históricos de luta nacional, isso aí o Lee olhou, disse "Também assim o senhor está exagerando." O sujeito segurou. Mas, se bobear, ainda matam o Lee ali por engano, já matavam vários ali, depois a gente vê, depende aí do resultado do plebiscito, que eu não sei qual foi. De qualquer maneira, o resto da área mineral entregaram, e entregaram para talhar os bosques chilenos, que eles julgavam que iam fazer papel de celulose, aliás todo o mundo julga que vai fazer papel de celulose, é uma febre de papel de celulose no mundo inteiro, muito papel de celulose, termina no talhar os bosques. Isto aqui e, em alguns casos, reservas de terras. Isto aqui é uma coisa esquisitíssima porque isto significa simplesmente uma volta histórica, mas num contexto muito mais avançado de um "disbo" de uma luta que levou cinquenta anos, tudo quanto era Estado ali Nacional, tudo quanto era colônia descolonizada brigando ali pelos recursos minerais, qualquer encrave mineral lutou com o sangue da sua gente para sair do encrave. Foi a maior luta de descolonização. Foi isto. Inclusive quase nenhuma das Forças Armadas entrega isto. É uma marca. Isto significa a soberania. Você não entrega. Olha que o Chile não é "biscoito". Não dá para entregar. Os "caras" entregaram o resto, o que não é pouca "porcaria" porque o resto é importante, são as novas minas. Mas os velhos rendimentos não puderam. A briga por isto está a foice. Deixo de dizer a dificuldade que está sendo para o Brasil segurar isto. E estamos segurando. Sim. Porque, se vocês

acham que nós não estamos segurando, é que vocês não têm idéia nenhuma do que está acontecendo no mundo, estamos segurando valentemente, eu diria, brilhantemente, nós estamos segurando um brilho, comparado com o que alguém está segurando o que quer que seja nesta matéria. Os mexicanos não estão segurando. Os mexicanos apenas estão segurando o petróleo. Não estão conseguindo segurar a mineração, estão se associando, exceto aquela que está sob o controle de grupos nacionais, que é o velho Grupo do Monterey, que tem muita tradição, que não entrega a "rapadura", que os mexicanos só têm um grande grupo. Aqui os grupos nacionais têm tido alguma dificuldade de segurar as suas reservas, como se sabe, isto aqui é uma coisa complicada; esta (aponta) também; esta (aponta) também; esta (aponta) também; e, finalmente, a que todo o mundo reconhece, que é os alimentos. Porque, indiscutivelmente, os Estados Unidos continuam sendo a maior reserva alimentar do mundo e os que têm sob controle o mercado de grãos e os mercados de alimentos do mundo. A revolução verde foi um fracasso na China, na União Soviética, na Europa, e em toda parte. Não deu. Pode ser que a bioengenharia venha a resolver, mas isto também é domínio americano, talvez soviético, eu não sei, tirando os americanos e eventualmente os soviéticos, não sei quem esteja trabalhando a sério na questão de bioengenharia, que é uma coisa da maior complexidade, têm lá os bichinhos que mudam as coisas, salvo que têm uns bichinhos que mudam as coisas, não tenho a menor idéia do que é bioengenharia, se alguém tiver idéia, que seja uma forma de sistema energético degradado, que pode mudar, eu já li, eu li umas coisas engraçadas sobre entropia, em que eles acham que pode sair da entropia, pode ser, salvo nesse nível de quase science fiction, não tenho a mais "porca" idéia, acredito que ninguém, das técnicas que estão sendo desenhadas de bioengenharia, porque estão sendo sob controle secreto, praticamente.

Quais são as visões que eles têm sobre o que devem fazer? Primeira coisa, do ponto de vista do Estado Americano, a coisa está uma complicação de fazer gosto. Os Estados Unidos não têm

controle de Estado Nacional sobre nada disto. O programa energético americano está parado no Congresso. Se a gente acha que o nosso programa energético vai mal, pergunta para o dos Estados Unidos, aqui lo ali é a glória, salvo em poupar energia, eles são especialistas, eles fizeram bem, as empresas mesmo fizeram. Mas o programa energético está encravado, e está encravado porque não sabe quanto é que vai para a biomassa; não sabe quanto é que vai para petróleo; não sabe quanto é que vai para a energia nuclear; não consegue desempatar; e, enquanto não desempata, as "sete irmãs" se cravam em copas; em princípio, elas estão com o carvão dos zarondax, mas aí o pessoal diz que não pode, que não sei mais o quê, também em princípio estão com a coisa nuclear, mas aí fecha porque não sei mais o quê; e a famosa fusão nuclear a perder de vista. Ninguém sabe para onde vai. A população americana, ainda por cima, leva a sério a questão da ecologia, patrulha ecológica lá é para valer, não é só "reinação" universitária, o pessoal se chateia mesmo, e têm os Senadores, e o Congresso, o pessoal protesta ali no Congresso, encravam ali os projetos. Então, está complicado.

A crise financeira, como eu disse, está complicada, que não se sabe a quem delega.

Uma possibilidade, eu esqueci^{de}/dizer, é a terceira parte do Banco Mundial, é delegar ao Banco Mundial, que tem um projeto de ordenamento financeiro muito mais avançado e moderno e, diga-se de passagem, menos injusto do que o do Fundo Monetário, que é escrachadamente um projeto dos bancos americanos.

De maneira que você tem três alternativas de ordenamento financeiro para a reciclagem, a segunda reciclagem, que está difícil. Uma, o mercado continua livre. Nós estamos torcendo por esta. Que é a questão do spread. Você paga mais um pouco, a taxa de juros sobe mais um pouco; a inflação sobe mais um pouco; o povo se "anrola" mais um pouco, não que pague nada disso, que não paga, mas, enfim, toma ali uma pancada nos salários e no custo de vida, mas dá para empurra

com a barriga. Esta é a preferida nossa. Fundo Monetário. Se for o Fundo Monetário, eles não enchem a paciência, isto está claro. Não que eles sejam tão ortodoxos, como eram, não são, têm relatórios bonitinhos, a equipe do Fundo Monetário está dividida, tem gente moderna, para a frente, que acha que não pode fazer as estupidezas antigas, mas pode, por azar, nos tocar a gente para trás, e não para a frente, depende de como a gente negociar. Não quer dizer que seja impossível negociar. Eventualmente, se for preciso, a gente negocia até com o "diabo", não tem mais remédio nenhum, tem que negociar. A terceira alternativa, que é a do Banco Mundial, é a mais nebulosa porque a equipe do Banco Mundial não tem legitimidade bancária para negociar. A equipe do Banco Mundial só tem legitimidade de repasse a bancos públicos. Ela nunca interveio nos bancos privados. Então, ela não é considerada. Porque estava montado assim. Tinha o sistema monetário privado; tinha o Fundo Monetário para fim de gendarmar a coisa monetária internacional; e, para coisas dos bancos de investimento, é que era o Banco Mundial o encarregado. Como agora não é um problema dos bancos de investimento, porque ninguém está investindo nada, o Brasil ainda está investindo muito, e oxalá continuemos, o Ministro aí não quer, mas, enfim, oxalá continuemos, porque, na verdade, as taxas de investimento estão caindo em toda parte. Então, a reciclagem via banco de investimento público, banco de fomento, no Banco Mundial está meio paralisado, eles têm algum recurso, mas ninguém está tomando, também ninguém entende nada, que é para onde é que vai, se faz isto, se faz aquilo, eles estão meio atordoados, e uma equipe lá começou a bolar um plano de reciclagem dos petrodólares um pouco mais equilibrado. Mas acontece que técnico inventa o que quer. O problema é quem é que banca o plano. E ninguém banca. O Governo Americano não banca; os Governos europeus não bancam; e os bancos privados muito menos bancam. Assim, tem ali um grupo. Assim como tem um grupo preocupado com a pobreza, tudo gente progressista, eu conheço vários, eu conheço vários "caras" do Banco

Mundial preocupados, gente séria, fina ali, preocupados ali com a pobreza, e fazem planos mirabolantes de nutrição, de coisas, financiam os programas de comunidade em Belo Horizonte, financiam umas coisas. Também tem um bando de gente dando volta, preocupado com a reciclagem, nos quais o Brasil, a Turquia, o México — bom, o Irã, no momento, não interessam mais — e outros países, mas esses três em particular são de grande preocupação, porque são países chaves, a Coreia do Sul, são países, a Turquia, por razão estratégica, naturalmente, mas a Coreia do Sul, o México, o Brasil e a Argentina, porque pertencem ao Clube, eles adoram fazer nomes, dos NIC, os NIC são os New Industrialized Country, já saímos aqui para a categoria de industrialized, já estamos industrialized, segundo eles. Até que a gente fez ali uma força. Mas ainda estamos aí com alguns problemas. Então, estes NIC aqui é outra chateação deles. Pelo seguinte. Eles estão com dois movimentos atrapalhados. Um, protecionismo. Olha a esquisofrenia. Lembra quando ia tudo bem? O comércio, a indústria? Lembra? Isso já era. Agora, é assim. Comércio, protecionismo; finanças, "precisa uma ordem", mas têm outros que acham que não precisa ordem nenhuma, melhor é a concorrência; então, têm os da ordem e os da concorrência; e os utópicos do Banco Mundial, que querem fazer uma ordem supranacional mais justa, têm uns jovens ali que estão ali pensando numa ordem mais justa. Então, o MacNamara, acho que ficou com tanto complexo de culpa do Vietnã que resolveu se preocupar ali com a justiça. É uma boa idéia. (Risos) É verdade. Não ri. Pois se é verdade. Ali o homem está preocupado com a justiça ali. São coisas que afinal devem acontecer, ele ficou nervoso, deve começar até a ver fantasmas ali. Porque parece que está mais para se aposentar do que outra coisa, que também não volta mais ao Establishment. Então, estão ali uns preocupados com a justiça. É a chamada tecnocracia transatlântica, um pessoal que tem a visão do mundo. Assim, tem umas idéias engraçadas, muito pouco aplicáveis. Tem lá uma velha guarda que sabe negociar, graças a Deus, se não ia ser um horror. Essas ve-

lhas guardas sempre são menos utópicas, sabem negociar. O pessoal mais jovem fica meio aflito e tal.

E está uma bagunça. Na questão energética, a Comissão Energética Mundial não funciona, como todo o mundo sabe. Muita discussão, muita discussão, mas não anda para lugar nenhum, até porque o pivô da questão, que é o Médio Oriente, não está resolvido. De vez em quando, você olha os cowboys... Alguém viu a TV Globo de quinta-feira passada, à noite, programa das onze horas, meia-noite? Passaram o ensaio de "Guerra Nuclear", estão passando todas as semanas. Faz parte da campanha de terrorismo psicológico, de acomodação da opinião pública. Vão preparar ali as mentes.

Os Estados Unidos, hoje, é uma coisa muito desagradável de visitar, para quem tenha olhos. Tem gente que vai lá e só vê "It's All Jazz". E, além de ver "It's All Jazz", vejo o resto, e fico muito nervosa. Aliás, o "It's All Jazz" também, porque tomar tanta anfetamina faz muito mal, se morre ali do coração, como se verifica. É melhor um cigarrozinho vulgar.

Então, esta "banana" aqui. E, obviamente, a resposta é predatória. Não é a gente, vê se entende, não é que tenha algum plano sendo cozinhado no Departamento de Estado, até tem uns lá do Departamento de Estado a fim de voltar sabe a quê? Ao big stick. Mas era tão "maluco" e tão conservador que dizia "Precisa ordenar, alinhar aqui a América Latina, porque é a única área de segurança. O resto é tudo uns travessos." E entram em raiva. Uns travessos significa que o Helmut Schmidt vai a Moscú negociar por sua conta; que o Giscard D'Estaing toma iniciativas. Eles ficam todos nervosos. "Tudo um bando de travessos." E aí olham aqui para o Continente "Precisa alinhar. Alinhar." Eu ouvi, juro por Deus, com estes ouvidos que a terra há de comer eu ouvi. "Precisa alinhar." Eu fiquei muda. Eu não consegui responder a. Disse assim: "Credo!" Que ninguém acredita. Só vendo. Eu julguei que era uma história da carochinha, palavra de honra, uma coisa tão fora de esquadro, e que revela uma

certa alucinação, do meu ponto de vista. Obviamente, os liberais não pensam isto, o pessoal liberal do Departamento de Estado, mas o pessoal liberal do Departamento de Estado está em franca retirada, lutando pelos direitos humanos e em franca retirada; o pessoal dos "falcões" está escalando. Isso é o panorama em Washington. O panorama em Nova Iorque, que é uma cidade cósmica, é "Dá-se um jeito. Se puder, empurra o Fundo Monetário; se não puder, negociamos; ou, terceiro, se não deixarem, a gente entra." Nos últimos dois meses, vem banqueiro atrás de banqueiro, e discretamente todos declaram, o que, aliás, eu já anunciei, no meu artigo de 71, e que é o correto, do ponto de vista deles, o seguinte. "Esta dívida não dá para pagar a curto prazo. Um. Dois, vocês não vão resolver o problema do balanço de pagamentos. Três, nós temos que reciclar esses petrodólares para vocês, mas está ficando muito arriscado, não tanto por causa do risco, mas porque a gente está baixo a regras, ou do Governo Americano, ou do Fundo Monetário, se ele vier, ou o que seja. Não será melhor vocês deixarem a gente entrar?" O pessoal lá diz assim: "Nós não gostaríamos." Os nossos banqueiros aqui, o Dr. Theophilo disse que a gente não gostaria. "Nós não gostaríamos." "Mas era uma coisa razoável", eles dizem, "fica uma participação no setor financeiro equivalente à participação no setor industrial, para poder conglomerar, para poder centralizar, para poder alavancar recursos para poder desenvolver." E os nossos banqueiros olham "Mas nós não gostaríamos." Estamos aqui para saber se a gente gostaria ou não gostaria. A discussão está aí. Por isso é que, nos últimos meses, na imprensa se discute: "Vai ao Fundo. Não vai ao Fundo. Eles entram ou não entram. Vai ter riódólar não vai ter riódólar." En passant, vão entrando devagarinhos fundos de pensão; vão entrando devagarinho pelo lado dos seguros; o Salomon Brothers já entrou um pouquinho; o First National já levantou a quota; a lei permite que, eventualmente, nos bancos de investimento, levante um pouco, que a 63 pode não sei mais o quê; entrando devagarinho; mas eles gostariam de entrar um pouco mais apressados, por

que esse negócio de devagarinho, do jeito que está, 81 é um ano muito pesado, sequer sabe como é que fecha este ano, como é que vai... Então, estamos em plena pressão, por aí e por aqui. (Mostra) Estas são as duas pressões mais fortes, minerais e financeiras, que ocultam a outra, que ninguém nota, que é o seguinte. O que é que faz com esta "porcaria" deste NIC ? Em resumo, o que é que faz com esta indústria que nós mesmos fizemos ? E a resposta é muito problemática. Pelo seguinte. Esse meu amigo acaba de ir agora ao Congresso lá na Coreia do Sul. A Coreia do Sul não é, como vocês imaginam, uma plataforma de exportação. A Coreia do Sul aproveitou a coisa de "maqui- la" da eletroeletrônica mas en passant pôs controle de importações; fez uma indústria automobilística que é metade nacional, metade estrangeira; fez uma indústria de bens de capital; igual à que nós fizemos; não foi muito diferente; mesmo somos parecidos nisso; com um ditador um pouco mais rosante e alguns problemas, mas fizeram mesmo. Mas estão "encrencados". Foram preventivamente ao Fundo, preven- do que o "troço" "embananava", o Fundo tentou aplicar um plano de estabilização, o Governo desestabilizou completamente, como se sa- be, e estão encrencados também. O México também está "encrencado", só que o México é discreto, diz que está tudo bem e tem petróleo, aí tem a chantage sobre o petróleo. Petróleo vai, petróleo vem, es- panta plataforma, não espanta plataforma. Resultado, a pergunta de- les é a seguinte: vale a pena manter ? Bom, no caso da Coreia defi- nitivamente não. Porque a indústria eletroeletrônica vai sofrer uma revolução tecnológica profunda, e aquilo que valia a pena, que era fazer ali com mão-de-obra barata, não vale mais a pena, você deve fa- zer com os micro-robôs, e aquela indústria vai ter que ser, chama- -se redployment. Bonito, não é ? Redeployment. Eles têm a percep- ção que eles são subdesenvolvidos. Juro por Deus. Os Estados Unidos acham que são subdesenvolvidos. "Somos subdesenvolvidos; estamos fi- cando latino-americanos; tem muito preto, muito latino-americano; muita miséria; muita bagunça; esta indústria está obsoleta; esta Ad-

ministração não funciona." A jovem esquerda americana importou a teoria da CEPAL e da dependência. É ótimo, não é? Eu chego lá e ouço de volta aquela coisa refrita. "Não é possível! Nós inventamos essa coisa na década de 50; depois inventamos a dependência na década de 60; já estamos no fim da década de 70 e esses 'caras' ainda estão chateando com a dependência!" Cansa, não é? Agora, eles é que são dependentes; eles é que são os subdesenvolvidos; as multinacionais estão chateando eles! Vejam vocês. Eu olho "Chi!" Os caras ficam nervosos, evidentemente, deixa eu ir embora. Mais, quer dizer a direita diz que vai enquadrar a gente; a esquerda diz que as multinacionais estão explorando o povo americano. Eu saio correndo daquele país de "malucos", evidentemente. Prefiro este meu aqui. Mas! que mal, estou em casa, conheço a maluquice geral mas já não é uma coisa tão aflitiva. É mais manso aqui. A maré aqui é mais mansa. Lá é mais complicado. Lá é de endoidecer literalmente. O discurso é absolutamente esquisofrênico. Por causa disto, discute-se o redployment. Um pouco tarde. Porque é assim. Primeiro, demitem 400 mil "caras" na automobilística. "A Chrysler vai à falência, a Ford está na ruína", aí a malta diz "Precisamos fazer alguma coisa com a indústria automobilística." Cristo! É um pouco tarde. Não fizeram nada. Não fizeram nada, Professor. Sequer o programa de álcool. Nada, Professor. Estão ali esperando Godot. Por causa da livre iniciativa, porque o Estado não deve se meter. A energia está tão ruim que fizeram uma estatal energética, para horror geral da Nação fizeram uma estatal energética. Porque não andava para lugar nenhum. Então, fizeram uma estatal. E nos jornais da new left, radicais, as "sete irmãs": "Poxa, a gente não consegue ter..." A nossa nanica, essa aí que explode aí nas bancas, mas é tudo brincado de criança comparado com a raiva deles das "sete irmãs". "Mas são de vocês." "Coisa nenhuma. Isto aqui não é americano." Cristo, ^{agora} não é nem deles. "Mas nossa também não é. Não empurra, que nós não que-

remos." Ficam quase que empurrando. "Segura, a criança é de vocês, vocês seguram essa desgraça aí. Não tenho nada que ver com isso. Não nos mandem este inferno." Não é deles. Eles rejeitam. Rejeitam! Têm campanhas inteiras apelando à Constituição, ao Estado Americano para botar ordem naquelas canalhas. E gente séria endossando. Não é só menininho universitário, gente séria endossando. Com que resultado? Com o resultado de que o redeployment é para valer. Exemplo, metalurgia pesada, está falida. A metalurgia pesada, em particular, hoje em dia, está falida. A United Steel foi socorrida pelos dois maiores bancos, o Manufacturers Hannover, uma parte o Morgan, uma parte o First, não sei se o Chase entrou, porque ia quebrar. Mas, apesar disso, ela enche o saco do mundo, como se estivesse a fim de fazer negócios em siderurgia. Está até a fim de comprar minas de ferro, para quê eu não sei, não tem. Então, em plena crise da metalurgia pesada, os "caras" vêm e querem comprar nossas minas de ferro. Fantástico! A gente pergunta: "Para quê, hein?" "Bom, mas não tem onde botar o dinheiro." Como reserva de caixa. Não é para exportar nada, não tem nada para exportar, não tem lugar nenhum para exportar. Porque os contratos estão feitos. Os contratos de minérios de ferro não são soltos. Estão feitos. No caso da Vale, fecha os contratos com o Japão, com os mercados tradicionais. De maneira que o sujeito quer vir aqui comprar. Comprar para quê? Para nada, para guardar, para fazer valorização patrimonial e depois retomar o controle do mercado mundial. No fundo, você está disputando as minas por três razões básicas. Porque não tem onde botar o dinheiro; porque, a partir das minas, quer voltar ao controle das matérias-primas para a indústria outra vez; a indústria de insumos pesados está querendo voltar à velha tática da década dos 20 de ir para trás, outra vez para as minas, para coagionar o mercado, para fechar o mercado, e entrar na briga monopolista para valer. E é claro que a briga entre os americanos, os japoneses e os alemães, ou vocês acham que é entre quem? Entre esses três. É uma

briga de foice. Na eletroeletrônica, a indústria está totalmente em crise, o cartel está desagregando, e há, evidentemente, uma possibilidade de modernização tecnológica radical, que vai ser outra briga de foice. Na indústria farmacêutica, outra briga de foice. Na indústria de sintética e petroquímica, outra briga de foice. E nós, aqui, não é, com todas elas, obviamente a briga de foice vem para dentro, e a gente vai ficar^{aí} olhando, se é que consegue olhar. Ora, para olhar, dado que a coisa mineral, a coisa dos insumos pesados, a coisa do setor de transportes, a coisa da biomassa são para eles estratégicas, para nós também, ninguém é "maluco", não é verdade, para nós também. O Ministro diz que não. O importante mesmo é a agricultura e o comércio exterior. É um negócio de ficar nervoso. Não é verdade. É absolutamente estratégico, para nós, o que vai acontecer no setor de transportes, no setor energético, no setor de mineração, no setor de metalurgia pesada, no setor de petroquímica, no setor da indústria farmacêutica, que é vital para nós. Vai haver um redeployment. Eles podem simplesmente sucatear a nossa indústria, a menos daquelas filiais que pesam, não no nosso mercado, que pesam todas, no mercado mundial. Não podem sucatear a Volkswagen, isto é óbvio. Dificilmente, sucatearão a GE e o cartel elétrico, que aqui tem gente pesada. Dificilmente, sucatearão algumas. Mas outras, se puderem, sucatearão. Esse é um perigo real. É óbvio. Se sucateassem e deixassem para o capital nacional, tudo bem. Mas eles são capazes de sucatear e levar o capital nacional de arromba. Isto é um projeto, de redeployment. O outro projeto não é de redeployment. É dos bancos entrarem, conglomerarem com as cem ou duzentas maiores e jantarem o resto. No resto, leia-se as cinco mil e tantas outras delas, mais algumas trezentas ou quatrocentas boazinhas nossas, en passant. Aí não é jantar. Porque o capital financeiro não junta ninguém. Não dá para o capital jantar. Não janta. Aí é conglomerar, o que é um outro papo. Precisa ver se convém se não convém, como é que é. O velho Rangel uma vez avisou: "Não faz esse mercado de capitais andar, eles vão fazer para a gente." Perigo de a profecia do "velho" se cumprir, eles fazem aí para a gente. O

Banco aqui não tem nada a ver com isso. O Banco não manda no mercado de capitais. O Banco só tem que reciclar a parte que tem que ver com banco de fomento, que é coisa de Governo a Governo, de agência internacional a agência nacional. Isso é outro papo. O Banco não manda nisso. Eu estou apenas falando neste assunto porque isto é um assunto importante. Não que vocês tenham nada que ver com isto. Vocês têm que ver com a indústria; ^{vocês} têm que ver com o setor público; vocês têm que ver como banco de fomento. É isto. Vocês não têm nada que ver com o mercado de capitais, infelizmente. Ninguém designou vocês, em tempo algum. Houve um tempo aí que havia umas ilusões de que o Banco podia ser o cerne, mas isso já era. O Banco não tem controle sobre o mercado privado de capitais. Pode ajudar ideologicamente, mas não tem controle. E o Banco tem controle, e isto é que é engraçado, ou, se não tem controle, deveria ter, deveria discutir e deveria avaliar é o que está passando com todos os setores no mundo, a saber o que está passando aqui, e o que está passando aqui em particular. O setor de bens de capital, no momento, não está em questão. Porque o setor de bens de capital é o último a ser discutido. Como é um setor flexível por natureza, o que está em discussão são a indústria pesada, a mineração, a questão energética e a questão agrícola. Isto é que está em discussão. Não por acaso, isto é o que está em discussão aqui. Só que, infelizmente, é uma discussão chocha a nossa, chocha, fraca, antiga, com poucos elementos de juízo, não se sabe o suficiente, eu pelo menos não sei, não tenho informações que muita gente sabe, é complicado. O próprio Banco perdeu a tradição, de certo modo, de ser um banco público, era um banco mais para financiamento, que aqui ergueu o setor de bens de capital, já ergueu, que existe aí graças a Deus. Mas o problema não é este. O problema agora é o seguinte. É indiscutível, isto está todo o mundo em acordo, que o setor de bens de capital é decisivo, no sentido que depois ele vai reforçar a estrutura. Mas precisa ter a estrutura. Se não, não vai

reforçar ninguém. Vai ficar aí solto no espaço. Para dar o segundo passo o setor de bens de capital, para poder avançar organicamente, renovar tecnologicamente e virar o cerne, como todos viraram, ele não existe sozinho, ele existe colado numa estrutura industrial. O setor de bens de capital da Holanda não é igual ao setor de bens de capital americano; não é igual ao setor de bens de capital alemão; cada um tem um setor de bens de capital que está ligado à estrutura industrial do país, ou, em alguns casos, à capacidade concorrencial externa.

(Final do lado 1 da fita número 2.)

(Início do lado 2 da fita número 2.)

...como se eles foram os inventores dos microcomputador? Abriam mão porque eles não tinham capacidade de concorrência. E a economia alemã é uma economia concorrencial aberta. Ela está na jogada do comércio internacional, para enfrentar os Estados Unidos. Tem ganho até hoje. Abriu mão dos microcomputadores. Entrou pesadamente nas máquinas e ferramentas, entrou pesadamente nos equipamentos sofisticados, nos equipamentos metalúrgicos, em equipamentos especializados. Não entrou nos micros. Porque não podiam? O cartel alemão elétrico é o melhor cartel elétrico do mundo. É tão bom quanto a GE. Podia ter feito o que a IBM fez. Tem tradição. Não valia a pena. Eles iam perder dinheiro. Agora é que eles estão perguntando se vão entrar. E, assim mesmo, a ver. Eles, alemães, olham a divisão internacional do trabalho porque eles estão no meio dela com o poder de competição. ^{Nós} temos que olhar a divisão internacional do trabalho para ver a porrada que vai vir na cabeça da gente. Então, não temos a menor chance de competitividade internacional, mormente com essa calhorda dessa política cambial, que a gente tem aí, que continua mantendo as mercadorias e o dinheiro no mesmo mercado, então é difícil fazer alguma coisa, coisa que os franceses já desistiram há muito tempo. Nós temos problemas sérios de competitividade. Nós

temos exportado basicamente em períodos de sobre e subvalorização e porque o pessoal senta em cima, empurra e porque o mercado interno está ruim, então se exporta a custo marginal, dá na mesma, num mercado que estava em expansão mas que não está mais. Nós vamos continuar exportando, é óbvio, manufaturas, particularmente as multinacionais, que já exportam 70% das manufaturas industriais, já são elas que exportam, enquanto existirem as exportadoras, já vamos ver; enquanto a concorrência estiver à morte, como está; enquanto não houver o red-employment. Nós temos cinco, seis anos para segurar esta barra, para desenhar outra vez a nossa figura industrial; outra vez; se a gente desenhar errado, vai ser cinquenta anos de pau no lombo do povo outra vez. Lembra a década de cinquenta, debate no Clube de Engenharia; debate no Clube Militar; estava se discutindo tudo isto; lembra? ; o sistema de transportes qual era, ferroviário versus rodoviário; qual era o sistema energético, tal coisa, tal coisa. Ganhou um padrão em cinquenta, é o que está aí até hoje. O que mudou foi o Governo; o que mudou foi o regime; o que mudou foi a permissividade; o que mudou foi a catordice; mas o padrão industrial está aí; foi avançando; chegou aí onde chegou. Agora, a pergunta é o seguinte: o que é que vai dar? como é que vai resolver a questão energética? biomassas, com quem? Já precisa do álcool para que a indústria automobilística não vá ao "diabo". Jóia! A gente não quer que a indústria automobilística vá ao "diabo". Quer? Só faltava! Tem 400 mil metalúrgicos; não tem sistema de transporte alternativo no momento; é uma "porcaria" que engarrafa a cidade mas ninguém sabe direito como é que desengarrafa. Em resumo, tem que rediscutir tudo. O que é que faz com a metalurgia? o que é que faz com os minerais? vai deixar que eles exportem, sob a alegação de que é para resolver o balanço de pagamentos? exporta para onde? vai deixar que eles tomem a reserva de minerais? Não vai. Como é que impede? junta com a metalurgia? como é que faz? como é que faz o pacto? vai continuar na defensiva ou vai discutir com todo o mundo, com todo o mundo? cada estatal vai ser uma ilha? o ENDE vai cuidar de que seja um bom banco, com rentas

bilidade, para ele não quebrar ? como é que é ? ou volta a ser banco público ? como é que é ? o que é que faz com o sistema de transportes ? o que é que faz com o carvão ? o que é que faz com o álcool ? como faz ? como negocia ? como negocia ? Vai ter que negociar. Eles vão vir pelas duas pontas, vão vir pelas duas pontas, pela ponta financeira e pela ponta mineral, como é que negocia ? que poder político tem para negociar ? como é que forma a consciência outra vez ? como é que repõe a questão nacional sem dizer as bobagens da década de cinquenta ? como é que repõe outra vez ? como é que defende esta Nação outra vez ? Outra vez. Como em cinquenta, outra vez. Para perder ou para ganhar. É irrelevante. Não interessa se a gente vai perder ou ganhar. Tem que repor. Como é que põe a questão social agora ? põe como está no Banco Mundial, com distribuição de renda, através de não sei mais o quê ? como é que põe ? Este Banco não trata deste assunto. Pode ter umas idéias. Assim como não trata do sistema bancário privado. Pode ter umas idéias. Este Banco tem que responder a isto que está aqui, olha, isto que está aqui (mostra), que é a preocupação deles. A resposta é: eles vão fazer redeployment, o que é que a gente faz ? eles vão tentar vir sobre minérios, o que é que a gente faz ? eles vão resolver a solução energética desta maneira, como é que nós resolvemos ? Como é que nós negociamos isto ? Mais, vai acreditar na farsa de que vamos virar um país agrícola ? como vamos virar um país agrícola ? que agrícola ? Vamos ter que fazer uma agricultura nova, está certo. Se não fizermos, vamos morrer de fome, porque efetivamente o primário exportador não dá, os preços começam assim (gesticula). "Ah! Exportar soja e café ?" Como não. Perdemos um bilhão de dólares no mercado da soja e do café este ano. Um bilhão redondo. Não controlamos os mercados de matérias-primas, sabemos disso desde mil, novecentos e cinquenta e tantos. Não é verdade, Juvenal, que a gente sabe que não controla ? Sabemos desde cinquenta e tantos. E toma de exportador primário outra vez. Como é que é isto ? Mas se nós já sabemos que a gente não controla ? Se nós sabemos que a gen

te espana produtos, os preços caem ? como é que é ? e os alimentos ? e o povo, vai morrer de fome ? como é ? O México está fazendo uma coisa que chama-se programa de segurança alimentar. Por quê ? Por que os Estados Unidos não vão dar comida para eles ? Estão ali ao lado. Não querem. "Nós não vamos dar o petróleo para vocês, mas também não vamos pedir a comida para vocês. Se pedimos, a gente vai dar o petróleo, e nós não queremos." E olha que ali não querer significa botar-se à la melo macho. Porque, realmente, não querer ir com aquela fronteira é um tanto à la melo macho, e a malta se monta à la melo macho. "Não queremos!" Eu olho "Rapaz..." "E, olha, não brinca com nós, nós levamos a sério. Nós já 'morremos' várias vezes." É verdade. Eles já "morreram" várias vezes. São entreguistas, "enrolados", cantinflecos mas a questão nacional eles não abrem mão. Eles já "morreram" várias vezes. "Morreram" para fundar a Nação; "morreram" depois para retomar a Nação; "morreram" por tudo; já "morreram" várias vezes. O Presidente chama ali na praça dos índios da burocracia, e diz "El México." , e a malta fica ali "quadrada". E não tem Exército. Engraçado, não é ? Tem lá umas brigadas especiais. Não tem. Mas tem um povo ali que acha que é mexicano. "Tinha tantos", tem dez milhões do outro lado da fronteira, os outros ameaçam "A gente manda de volta os dez milhões." "Manda para tu ver o que é que.. Manda que a gente toma o Texas de volta." É o que eles respondem. Nós não temos Texas nenhum ao lado. Nós nem temos fronteiras. Temos ? Nós somos um país independente há muito tempo. Não tem fronteiras; não tem inimigo externo; é mais difícil levar um projeto nacional quando não se tem inimigo externo; não está na garganta; não somos o Caribe; não somos Centro-América, nem o México. Eles não estão na garganta da gente. Estão ? (Pausa) Não estão. Isto é uma coisa que uns quantos economistas sabem, umas pessoas que lêem as revistas ali Nós aqui sabemos. Se é que todos vocês sabiam. Quase ninguém sabe. Então, é difícil. É uma coisa de elite. Precisa abrir. Mas não abrir à disparatada, começar "Que o país é nosso." Não tem que marchar ou

tra vez. Não tem que marchar nada. Este não é problema de marcha, nem contramarcha. A esta altura, o problema realmente é saber o que está fazendo. De modo que ninguém vai marchar por nada. É difícil chegar hoje, dizer ao povo "Olha, escuta a questão nacional." O povo nem sabe o que é que a gente está falando. Ué, mas eu ajo com a barriga vazia. Eu quero saber se vocês sabem o que é questão nacional. Porque eu tenho umas idéias. Mas não sei como resolve. Não sei como resolve. Eu gostaria de discutir com as pessoas. Não sei como resolve. Não sei como resolve nenhum dos problemas que eu estou pondo aqui. Sustento que, no entanto, são problemas relevantes que tem que tocar. Tem que resolver a questão agrícola, não para ter saldos exportadores e entrar no primário exportador, para resolver a questão alimentar, se não, nós vamos outra vez pedir trigo emprestado a eles, já estamos, aliás, pedindo. Tem que resolver a questão da reforma do sistema financeiro e do sistema tributário, se não nós não nos livramos desta questão. Tem que renegociar essa dívida de alguma maneira, não sei como. Suspeito que não vai ser manso; suspeito que alguma coisa vamos ter que dar em troca, precisa ver o quê; sustento que não devem ser riquezas minerais; sustento que não deve ser o sistema de transportes; sustento que não deve ser a base produtiva uma vez mais. É melhor deixar os "caras" entrarem, não entregando os bancos, até porque a malta resiste, melhor é deixar entrar pelos espaços financeiros, se tiver que entrar em algum lugar. É complicado. É complicado. Precisa negociar. Que espaço financeiro? É essa "porcaria" dos fundos, desses "nojos" aí que eles já fazem mesmo, fundos de pensão, seguros, já estão fazendo mesmo, deixa levar, bancos de investimento, mas não banco de fomento, banco de fomento tem que negociar de Governo a Governo, com as agências internacionais, com a compostura que merece. É difícil ele ir solto operar no mercado internacional. É difícil. Vocês já viram. Que os banqueiros não gostam de negociar com bancos públicos. Põem uma certa dificuldade. E, depois, a negociação com banqueiro, num país que se preze, é feita pelo Tesouro Nacional, com delegação dele. O banco só pode negociar ,

nesses termos, com delegação do Tesouro Nacional, não como banco privado, que não é banco privado, não pode negociar como banco privado; não tem cacife, apesar de ser um grande banco, não tem cacife; não está à venda, portanto não tem cacife; não pode entrar em Bahamas para fazer negócios escusos, não tem cacife; não pode abrir filiais no exterior para fazer operação de euromoedas, não tem cacife; isso podem os bancos privados nacionais, eles podem; e estão abrindo agências. Este Banco vai abrir agência aonde? O Banco do Brasil ainda pode, mas este aqui não é para abrir em lugar nenhum, este é um banco público, só opera por delegação do Tesouro. Azar quando o Tesouro está na mão de meia-dúzia de cazoboyes, azar, precisa brigar. É ruim. É ruim. Não está tão na mão. Este país é complicado. Precisa estar otimista. Já esteve várias vezes na mão de quem... A SUMOC sempre foi um órgão conservador. Não ganharam sempre. Ganharam, Juvenal? (Pausa) Em geral, não ganharam. Se tiver um projeto, é provável que setores do Governo endossem; que setores da opinião pública endossem; que a profissão endosse; que a opinião pública endosse. No total, foi assim que se fez o projeto da década de cinquenta, não deu lá muito certo, deu o certo que podia dar. Não tendo nenhum é que não dá certo, dê a certeza certa, dê certeza certa. E eu volto a insistir que este país não tem a menor remota idéia do que seja imperialismo. Esperque a experiência histórica não ensine a este país o que significa a palavra. Os meninos lêem muitos textos, sobretudo os textos sagrados. No meu ponto de vista, a maioria não entende "porra" nenhuma dos textos sagrados, até precisaria ler bastantes vezes. O pessoal lê uma vez, já fica muito enblue. Dois, não esteve nunca sob a bota. Não tem idéia. Não sabe o que é ter o encrave mineral cercado. para o que é valer; não sabe/ter um espaço econômico nacional sob controle para valer; não sabe o grau de ignomínia; não sabe; vocês não têm idéia, eu posso garantir; não têm idéia; eu já vi, e não é bonito, não é bonito. Dois, "ah, mas isso é uma situação dramática", é verdade, estou dramatizando, estou exagerando, esse é o meu estilo; tem a si-

tuação intermediária; tem; uma situação meio cancerígena, é a seguinte, não se faz nada, fica aqui esperando sentado, administrando aí como puder, não ataca aqui (mostra); não estuda; os grupos não se articulam; não apóia; não planeja; não volta a reforçar como reforçou; não tem uma idéia do que fazer; continua preso àquelas idéias que já estão meio esquisitas. Sabem o que é que acontece? Não acontece nada. Dentro de cinco anos, quando a nova ordem internacional houver, estiver estabelecida, o Brasil, depois de uma série de crises, recessões, atrapalhamentos, quebra de empresas, desnacionalização, reengrenagem, no próximo ciclo. Depois, naturalmente, daqui a dez anos, esta vossa amiga, de bengala, estará escrevendo: "Por que o modelo perverso..." Outra vez. Uma vez mais. Vocês também: "Está ruim. É uma 'porcaria'." Ah! Não custa. Dá tempo. Já vai ser suficientemente perverso ou ruim, ou não tão bonito como a gente queria, não tão justo. Bom, mas a gente nem sabe o que é que vai ser, você nem perguntou. Não perguntou, gente! Ninguém está perguntando, corretamente, nada. Eu não tenho nenhuma resposta. Eu só vim hoje fazer as perguntas, meus senhores.

Às ordens. (Palmas)

(Pausa) Agora, vocês podem fazer. Eu não tenho respostas. Posso ter respostas negativas, do que não é: do que é, eu não sei. (Pausa) Desculpem o tamanho da exposição. Mas é que é muito difícil fazer o painel. São muitas perguntas. De maneira que é muito... (Pausa) Alguém ainda tem fôlego para perguntas, ou fica para a próxima? (Pausa) Pergunta qualquer coisinha para eu não ficar tão angustiada. Precisa diminuir a minha angústia. Pergunta alguma coisa para diminuir a minha angústia. (Pausa) Juvenal, pô, você, que é o mais velho pergunta qualquer coisinha, vai, para a gente se animar aqui um pouquinho.

JUVENAL

- Você já perguntou tanta coisa aí ninguém respondeu nada!

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Então, dá alguma resposta, se você tem. (Pausa)

Vocês concordam com a ordem das perguntas? que está complicado? que tem que perguntar tudo isso, ou não? ou vocês acham que é muito exagerado?

ARMANDO - Eu acho que as perguntas são essas todas e mais algumas.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Então, agrega.

ARMANDO - Você não podia botar todas. Aliás, acho que não adianta fazer perguntas demais também, não, não é?

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Essas que parecem importantes.

ARMANDO - Sim. Mas nós precisamos atacar nas respostas.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Nas respostas.

ARMANDO - Perguntar mais... Pelo menos, responder essas.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Eu também acho.

Oh, Armando, mas essas parecem ser as... Eu também não fiz todas as perguntas da Nação. Isso é outra mania. Que Banco não aguenta com a Nação, hein, gente. Responder a essas perguntas já me parece bastante bom. Não tem que responder a todas. Só faltava. Deixa ali o povo responder a algumas. A questão da saúde, da educação não é assunto de vocês, vocês não são muito desse ramo. Deixa ali o povo resolver algumas. Estas aqui são questões de saber técnico. Não dá para dizer para o povo responder a isto. O povo não sabe nada de

energia, de sistema de transportes, de nada disto que discutimos, de redployment, não sabe nada disto. O povo sabe pedir alguma democracia, organização, saúde, alimentos. Mas isto aqui não sabe. Deixa ele responder. Estas aqui, é em torno disto, não é, Armando ?

PERGUNTA (ININTELIGÍVEL) -

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Acho que é a que está melhor defendida. Nossa única burguesia nacional poderosa é a bancária. Acho que eles resistem. Aliás, o Ministro costuma defender os interesses deles. Os outros eu não tenho tanta certeza que ele defende.

PERGUNTA (ININTELIGÍVEL) -

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Está posto. É verdade. Está posto nas manchetes inclusive.

PERGUNTA (ININTELIGÍVEL) -

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - No mercado de capitais privados.

PERGUNTA (ININTELIGÍVEL) -

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Você acha que as riquezas minerais não têm importância?

PERGUNTA (ININTELIGÍVEL) -

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - É verdade.

PERGUNTA (ININTELIGÍVEL) -

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - E a gente tem tradição de resistir.

Você pode dizer o seguinte: nessa área os militares seguram. Os do Eximbank não entendem nada desse comércio. Eu também acho. Por isso é que eu escrevi o artigo contra o Langoni. Você está achando o quê? Eu ainda não escrevi sobre Carajás. Eu não estou preocupada. Acho que a malta da Vale é competente. Acho que tem milico ali olhando. Eu escrevi sobre isso. E o pessoal disse: Que engraçado! Escreveu contra o Langoni, em vez de esdrever contra o Delfim." Eu quero lá saber do Delfim. Eu estou preocupada é com o que significa o modelo Langoni.

PERGUNTA (ININTELIGÍVEL) - O sistema bancário desse país é muito mais controlado do que pode parecer.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Exato.

PERGUNTA - Apesar do grau de liberalidade que existe...

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Não. Na França, nem há liberalismo nenhum. Na França, o sistema bancário é controlado mesmo.

ARMANDO - É da maior importância em termos de equacionamento.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Também acho, meu irmão. Mas eu vim ao Banco, tive que dar o meu recado aqui da indústria também, que é importante, que estão esquecendo. Não sei. O Banco não deve estar esquecendo. A questão da indústria não está no debate nacional.

Armando, você se dá conta que a questão bancária está nas manchetes todos os dias. Você viu o editorial do J.B. de anteontem ou de ontem, que diz "Vamos negociar essa brincadeira como deve ser." Se houve o Dr. Theophilo de Azeredo Santos, que não é flor que se cheire, de berrar, eu falei com os meus quatro professores da Escola tudo Diretor de Banco, a multa diz "A nós eles não jantam." O pessoal está ali por resistir, que ninguém é de ferro. E eu acredito que o setor privado tem uma grande capacidade, maior do que o setor público, de se defender. Eu não sei de onde vem a idéia de que o setor público se defende melhor do que o privado, não há evidências, não há nenhuma evidência, as evidências são ao contrário. Eu não conheço nenhum grande grupo brasileiro que fosse desnacionalizado, malgré lui, quando foi é porque lhe convinha. Não conheço nenhum que tenha entregue a "rapadura", cercado, sem que o setor público apoiasse ao contrário, o Governo sempre veio em socorro do setor privado cada vez que ele pediu. O que o Governo não vem é em socorro de si mesmo, há muito tempo.

ARMANDO - Conceição, o setor financeiro bancário privado do Brasil não tem tradição.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Não "brinca", meu companheiro. Desde o Século XIX. É a única burguesia nacional desde o Século XIX. Jantaram os ingleses. Em 1930, a Missão Monteguy, perderam.

ARMANDO - Não tem tradição.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Mas como não tem tradição!

ARMANDO - Eu acho que precise muito do 'apoio do setor público. (Ininteligível)

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Mas qual o setor público ? O setor público brasileiro, o banco...

ARMANDO - É novidade...

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Isso é o que eu estou dizendo. Desta vez, eu estou de acordo contigo, é uma novidade história ter umas autoridades monetárias tão "vagabundas", é uma novidade histórica. (Risos) Eu digo. Eu não quero saber. O Banco Central é um escândalo. O Banco Central tem uma enorme tradição. Era gente liberal mas negociava pelo Brasil. O Dr. Casimiro negociava pelo Brasil; o Dr. Genival de Almeida Santos negociava pelo Brasil; o Dr. San Thiago Dantas negociava pelo Brasil; aquele velhinho, que tinha um nariz, que foi Presidente deste Banco, como é que chama, que morreu? O Garrido negociava. Até o Garrido! A malta ali negociava por aqui. O Campos, quando negociou, em outros tempos negociava. Eu agora não sei por que não estão negociando. Alguém tem uma idéia? Porque eu não te conheço claro. É muito amigo dos banqueiros de Londres, faz uma certa con

fusão, apresenta os banqueiros errados para o Delfim. É muito esquisito aquilo ali. O Dr. Mário está no Board of Directors do First. É estranhíssimo. É uma novidade histórica. Mas os nossos bancos também ^{já} estão no exterior. Podem ter interesses também em internacionalização. Você já se perguntou? E, se eles estiverem interessados na internacionalização, quem é que vai segurar? Eles disseram que não se importam muito com os bancos de investimento porque o Modelo Campos de bancos de investimento fracassou. Falei com o Dr. Bulhões Pedreira o outro dia. Discuti, discutirei, está muito preocupado com essa "porcaria" desse sistema financeiro, que ele fez de uma maneira e fez do outro. É um sujeito sério. Tem lá as suas idéias, mas é um sujeito sério. Está muito preocupado. Está todo o mundo muito preocupado. O Teixeira da Costa está muito preocupado com o mercado de valores. Ele não fez a CVM parar no que deu. Não é? As empresas públicas são grandes portadoras de ações no mercado de ações. São as maiores. Elas movem o mercado de ações, não movem? Qualquer escândalo da Vale arreventa com a Bolsa. O BNH é um sistema financeiro público; o Banco do Brasil é um banco público; a Caixa Econômica; o sistema de poupança; crédito; fundos de investimento; fundos de garantia dos trabalhadores; tudo é do Governo, que maneja mal para burro, nunca perguntou aos trabalhadores qual é a deles, eles, coitados, são ali administrados como seja. E eles dizem que a poupança está estatizada. Disse: "É uma piada. Está sendo reciclada para vocês, a taxas subsidiadas." O sistema público sempre usou, em matéria de política financeira, uma política escandalosamente subsidiativa do setor privado; nunca usou o seu poder financeiro próprio para comandar nada. Mas este Banco, que era um Banco público, foi convertido num Banco de apoio ao setor privado, corretamente, numa etapa. E agora? É claro que vai continuar a apoiar o setor privado. Mas vai apoiar o setor público, ou como é? Não se sabe. Não depende só de vocês. É um problema da engrenagem histórica. É complicado. Precisa fazer uma refor-

na financeira, eu também acho. Mas ninguém sabe como. No debate com o Bulhões Pedreira, está no Boletim do IERJ, o Rangel estava presente, nós não soubemos responder à pergunta, o Ignacio tampouco. O Ignácio perguntou: "como é? vocês não estariam interessados, outra vez, nas companhias de serviços de utilidade pública?" Ao que o Bulhões respondeu: "De jeito nenhum. Este Governo não tem credibilidade. Os serviços de utilidade pública foram entregues ao Estado em toda parte." É difícil fazer um debênture de quarenta anos com garantia de monopólio do serviço público, depois o Governo retira. Como é que vai ser? Quem vai financiar o sistema de transportes? Vamos entregar para eles? Como é que vai ser? Essa é a pergunta.

Eu não estou dizendo que o nacional privado não tenha que se cuidar. Eu acho que eles estão se cuidando. Você não tem razão de dizer que eles não tem tradição. Têm. Os bancos do café é que fizeram o esquema de sustentação do café de Taubaté, não o Estado Brasileiro, os bancos do café. Eles é que fizeram a política do Banco Central até 30. Ainda em 30, quando perderam, ainda conseguiram segurar, eles, bancos, o Getúlio não fez nada contra os bancos, pegou as hipotecas falidas dos cafeeiros e segurou o sistema bancário. Não segurou todos os cafeeiros. Lembra? Trinta e dois não foi à-toa. A malta do café não gostou do que o Getúlio fez. Mas ele segurou o sistema bancário. Nunca ninguém deixou o sistema bancário quebrar. E o sistema bancário sempre foi nacional, desde o Encilhamento, desde a República, desde o Marechal Deodoro. Ao contrário do que vocês julgam, é a burguesia nacional mais autenticamente conservadora, no sentido próprio da palavra, conserva o que vocês não conseguem é obrigá-la a virar e a apoiar a indústria. Ah! Isso você também não conseguiu na Inglaterra, eles não gostam da indústria, com exceção de dois ou três grupos, que têm interesses industriais, a maioria não tem. Quando diz—"Vocês correm o risco de ficar com a dívida das empresas na mão"—eles dizem "Eu não. Eu passo para o Estado. Eu pas

so para os banqueiros internacionais. Eu não fico." Pergunta para o Amador Aguiar se ele fica com a dívida da indústria na mão. Tem o repasse. Pergunta se o Unibanco fica com a dívida do Mindlin, do Villares. Pergunta. Vocês ficam. Vocês seguram. Eles, não. E eles não devem só a vocês. Eles também devem ao setor bancário privado. Como é que vai ser? O banco vai usar todo o seu recurso para bancar? Bancar o quê? Quem tem que bancar é o Tesouro. Quem tem que bancar é o Banco Central. O Banco Central é que tem que pagar. O Banco Central é ^oque tem o poder de missão e de controle bancário neste país. Está mal entregue. Não é verdade? É o que eu também acho. Tanto acho que consegui, pela primeira vez na minha vida, escrever um artigo no Caderno Especial do J.B. Foi tido sabe como? Pelos "babacas" desta praça, por alguns dos meninos que não entendem "porra" nenhuma do que acontece neste país, que o Estado apoiando o Delfim, veja você. Não entenderam nada. Não sabem nada. A jovem ala progressista brasileira é muito ignorante, mais ignorante do que a extrema direita, o que é muito dizer, porque a extrema direita é muito ignorante também. É um traço grave, tão grave que eu não via meus velhos professores há muito tempo e fui ver, fui para conferir. Disse: "Como é que está?" "Nós estamos atentos. A área dos bancos comerciais nós não entregamos." "Bom, mais e os investimentos?" "Aí é complicado." O Theophilo berra, não é verdade? O Delfim, supostamente, defende essa área. Por isso é que leva porrada que nem bom ladrão lá em Nova Iorque. Você acha que é só porque ele ele é engraçadinho, gordinho e fala mal Inglês? Imagine-se! O Dr. Campos fala muito mal Inglês, com sotaque de Mato Grosso, a despeito de ter feito o doutorado ou o mestrado. Vai por aí. Este é que é o problema. Precisa negociador, isso sei eu. Passei pela vergonha de eu passar no México, ouvir o meu antigo amigo, o meu antigo colega da CEPAL, que hoje é Ministro da Fazenda no México, me perguntar: "Mas, Maria, não tem um negociador no Brasil?" Eu disse: "É, Professor, está meio complicado." Tem mercado. O

mercado está aberto. É uma questão de spread. Pode negociar. Não precisa ficar nervoso. Quer dizer, eu até estou nervosa, enfim. Eu sei que precisa um negociador. Ele também sabe que nós não estamos com bons negociadores. Nós nem sequer estamos usando os banqueiros nacionais como negociadores, os que têm algum ofício. Não é? Afinal de contas, o Banco Nacional tem ofício; o próprio Unibanco tem ofício. Ninguém pediu as boas graças. Está sendo negociado em Londres e Nova Iorque por negociadores, do meu ponto de vista, hoje, razoavelmente suspeitos. Eu digo isto porque eu digo isto na frente deles, se for o caso. Vocês sabem. Até não digo. E não é a questão de ser vendido. Vêem se entendem. Não é uma questão de ser vendido. É uma questão de filosofia, de visão do mundo. Não é o problema de chamar "traidor à pátria", isso é "maluquice". Tem gente que acha que é correto que se internacionalize o sistema financeiro para acompanhar o grau de internacionalização da indústria, porque daí alavanca, e que alavanca é indiscutível; que permite a centralização de capital, é indiscutível. Não é verdade, Armando? Alavanca. Se não houver outra solução nacional, eles entrarão e alavancarão uma vez mais. E, depois que entrarem e alavancarem, dez latino-americanistas, brasilianistas e toda a esquerda brasileira escreverá panfletos sobre o grau de desnacionalização da economia. É o coro grego, depois do enterro, a malta vai atrás. Nós temos tradição de avisar em tempo. Ninguém ouve. Não é verdade, Armando? (Pausa) Estamos dando todos os recados. Há um ano que eu não faço outra coisa. Não é verdade? Também eu vim dar o recado no Banco. É bom que vocês se preocupem com as coisas da Nação, mas é bom que vocês se preocupem com esta Casa também, que ainda é um instrumento de política econômica importante. Boto que vocês não possam controlar os bancos. Mas tem que fazer uma estrutura industrial de qualquer maneira. Não pode esperar o resultado do redployment. Supõe que eles alavancam às avessas. Supõe que consideram

que isto aqui é o Chile. Que devemos fazer as vantagens comparativas. Que somos um país agrícola. Como é que vai ser? Supõe que acham que o capital investido aqui é de 0,5 a 5% do capital deles, que pode perder, já ganhou o suficiente; investiu 0,5, na verdade já levou muito mais, não tem importância, está amortizado, perde. Supõe. Perderam no Chile. Não perderam? Com toda a tranquilidade. Perderam toda a indústria que tinham no Chile, batendo palmas. Perderam metade da indústria que tinham na Argentina, batendo palmas. Perderão com a maior satisfação, pelo menos 1/3 da tem aqui, batendo palmas. Perderão parte da que tem no México batendo palmas, só que a malta do México sabe, está de olho. Pergunta: e a gente sabe? (Pausa) E não me venha com o sistema bancário, porque o sistema bancário mexicano é totalmente enlaçado com o sistema bancário do outro lado da fronteira, e no entanto o Governo Mexicano diz que vai resistir no petróleo, na mineração na indústria. Isso é o que a gente vai ver. Não sei. O México fez uma reforma bancária em 54 de tipo internacionalizante, tem liberdade cambial, não tem controle de câmbio, o sistema privado é solto. Solto modus in rebus. O Ministro vai aos cinco maiores bancos e diz no pé-de-ouvido: "Eu achava melhor você não alavancar dessa maneira. É melhor, eu te empresto o meu negociador, eu acho melhor você agora descarregar em dólar e aplicar no mercado financeiro, eu te dou uns bônus da dívida pública. Orienta ali." "Se orienta, rapaz", ele diz para o "cara". E o banqueiro lá diz "É melhor eu me orientar, que este 'cara' sabe das coisas e é capaz de me quebrar." E se orienta. Não precisa leis. Precisa, Armando? Para negócio de banco, não é nem uma questão de leis. Tem vários, não é? Pois é. Então!

ARMANDO

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - É verdade. Mas eu, na questão bancária, no momento não me meteria a fazer nenhuma reforma, porque eu não sei para onde é que vai! Eu começaria pela tribu-

tária; eu começaria pela reforma dos bancos públicos e deixaria o setor privado na base das providências administrativas. Agora, também com essas providências administrativas que vêm tomando ultimamente, seria um pouco difícil. Parece que vão tomar algumas providências administrativas, no BNH, agora, amanhã, que vão ser uma "graça". Quer dizer, essas aí são "doses". Esse é que é o problema.

Nós estamos num período ruim, por todas as razões. Primeiro, porque é um período dramático mesmo. Segundo, porque essa coisa fechada que houve fechou as pessoas. As informações não circulam. O pessoal ainda continua achando que o "troço" está difícil. Três, o grau de apodrecimento de certas burocracias, que têm tradição no país, é grave. Perdeu-se a tradição do servidor público. Paga-se muito caro para ser servidor público. A multa cansa. Cansa, não é? Precisa ter muita tradição; muito "saco"; muita paciência; pouca megalomania; pouco voluntarismo; muito "saco"; muita paciência; muito estudado; muito "saco"; muita paciência. O pessoal acha "chato". Quer fazer carreira na vida, rápido, quer saber. E, mesmo quando não se vende, o miolo escorre, fica "maluco". Aí não serve para nada. Primeiro, precisa aprender a liberdade de pensar, que é uma coisa que está perdida, que já estão com medo de pensar em negócio desagradável. Precisa ir em busca do pai-zinho "Cadê o meu pai? a minha mãe? não tenho costas." Aposenta as velhas guardas, e "Agora, hein, João?" Não pode perder. Precisa fazer um esforço ali concentrado. E é uma coisa "chata" o que eu estou dizendo. Mas deve ser assim. Tem quinze anos isso, quinze anos sem um fato real. E o que é engraçado é que, com essa fatura alta para pagar, a gente tem que bancar o futuro.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Não. Temos exportado para burro este ano. Nós vamos continuar. Pois é. Até que ajuste a estrutura. Depois que ajuste, a gente vai ver.

- (ININTELIGÍVEL) Eu fiquei com a impressão (ininteligível) os seus comentários pouco expressivos...

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - É verdade.

- ... em termos do setor industrial também. Por que é que (ininteligível)

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Não estou cética, entendeu, que isto aqui vamos ter que exportar. Estou cética por causa da política que estão fazendo. Com uma política de pré-fixação cambial, que é destinada a que entre capital financeiro, não vamos a lugar nenhum. Precisa separar a taxa de câmbio para exportação e importação, é uma coisa séria, não é para andar "reinando". Outra coisa é a taxa que regula a entrada do mercado de capitais. Tem que fazer como na França, separa, separa. O hot money, a reciclagem é pelo mercado financeiro, acerta com os bancos. Outra coisa é a taxa de câmbio, o preço da moeda para exportação. Se não, tem que "dá-lhe subsídio", "tira subsídio". Não adianta. Máxi para cá, máxi para lá. A inflação "come". Você não fica competitivo, que é a razão pela qual os Estados Unidos estão se "arrebentando", estão com o dólar sistematicamente desvalorizado, e nós também estamos com o cruzeiro sistematicamente... Nós já estamos exportando, em primeiro lugar porque o homem ali da CACEX faz assim mesmo, você vê que obriga, o "velho" ali é do ramo; por outro lado, porque as multinacionais são obrigadas a exportar; terceiro, porque a concorrência mundial é grande e nós temos um espectro amplo de multinacionais e nacionais em concor

rência, então a malta exporta. E quando centralizar ? E quando estiverem quebrados, se quebrarem ? Por isso é que somos contra a recessão. A recessão vai nos impedir de exportar manufaturas, que eles não vão mais ter interesse, eles já estão com o mercado para eles; vai nos impedir de fazer nada; você quebra este país; é claro que o país não quebra; sim, bom, não quebra, mas fica ali meio; não quebra mas fica como a situação na Argentina, um pouco deplorável. Esse é que é o problema. Eu estou de acordo contigo. Eu só não estou otimista por isto. Não é que nós não tenhamos potencial de concorrência. É claro que a gente tem, ué! Nós temos uma indústria moderna, pô, acabada de montar. Como é que não tem capacidade de concorrência? Aonde é que não tem capacidade ... Mormente com o redployment. Se eles vão mandar o redployment, nós temos o mercado abandonado pelo redployment. O problema é que a gente não vai ter mercado algum com uma política cambial imbecil dessa. Esse é que é o problema. Por isso é que é uma desgraça. Você tem que brigar em todas as frentes. E aqui o acordo do GATT para ele olhar ? Como é ? E as regras, como é que é ? Estão preocupados com a regra número um, que é a regra filosófica, e a número três não olhou ? Esse é que é o problema. O pessoal parece que perdeu a experiência de negociar. Ficou todo o mundo muito no "milagre", "milagre", "milagre", "o Brasil vai para a frente", pê-pê-pê-pê, começa todo o mundo a disparatar, não é, oh, Armando ? Coisa da tradição nossa de negociação, que a gente perdeu. Só tem o quê ? Elefante, mentira e arrogância. Bom, na base da mentira e arrogância, nós não vamos a lugar nenhum. Precisa começar a dizer as verdades, mesmo que doam, inclusive nesta Casa. Está ? Eu não tenho nada que ver com o passado glorioso, com o exemplo trepidante ou não trepidante do país. Eu sou uma mulher que há vinte e cinco anos luto para avisar. ^{viver.} Às vezes, estou em desacordo. Não estou às vezes em desacordo com todo o mundo ? Qual é o proble

na? Fica nervoso por que está em desacordo? Fica aí em desacordo em algumas coisas. Ninguém morre por estar em desacordo.

- Até que passa a onda.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - Até que passa a onda. E depois tem o acordo. Qual é o problema? Pensa uma coisa ali. Trabalha com seriedade. Não fica prisioneiro de palácios. Não fica ufanista. Aprofunda também a mensagem. "A corrupção, tem corrupção, tem corrupção." Já sabemos que tem corrupção. Qual é a novidade? Outra vez? Só faltava começar a falar em subversão outra vez, que "saco"! (Risos) Que falta de imaginação! Não quero saber de corrupção. Eu quero saber como é que anda essa "porcaria". Esse é que é o problema. É o que vocês têm que saber. Não é saber se aquele negócio (ininteligível), o que vai fazer, todo o mundo parece que é Polícia, dizendo ali da corrupção. Que chateação! Por que não pensa nesta coisa? (Mostra) Por que não trabalha sobre isto? Por que não juntar os engenheiros e os economistas e não discute esta questão?

ARMANDO - Conceição, ainda sobre a discussão, quando você deu ênfase (ininteligível) ...

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES - A raiva é comigo mesma. Não é só com vocês, não. (Risos)

Fala. (Pausa) Só ele é que pergunta. Está vendo? Tudo caladinho ali. Depois diz que pergunta coisas. Pergunta nada. Deixa sempre o mais velho perguntar. Depois fica...

ARMANDO - Ele botou ali "reserva de terras". Mas você não desenvolveu aí a questão.